



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

LUIZ RENATO DA SILVA ARBUÉS

**O DESALENTO DE ALUNOS CRISTÃOS NUMA
SOCIEDADE PÓS-MODERNA:**

**A superação do desespero como possibilidade de construção de uma
existência singular. Uma análise à luz do pensamento de Søren Kierkegaard na
obra “O Desespero Humano”**

Recife

2021

LUIZ RENATO DA SILVA ARBUÉS

O DESALENTO DE ALUNOS CRISTÃOS NUMA

SOCIEDADE PÓS-MODERNA:

A superação do desespero como possibilidade de construção de uma existência singular. Uma análise à luz do pensamento de Søren Kierkegaard na obra “O Desespero Humano”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Ensino de Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Itamar Nunes da Silva

Recife

2021

LUIZ RENATO DA SILVA ARBUÉS

O DESALENTO DE ALUNOS CRISTÃOS NUMA SOCIEDADE PÓS-MODERNA:

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovada em: __ / __ / 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Itamar Nunes da Silva - Orientador

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos – Avaliador Interno

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Degislando Nóbrega de Lima – Avaliador Externo

Universidade Católica de Pernambuco

RESUMO

Esta pesquisa pretende refletir sobre o desespero existencial vivenciado por alunos cristãos no espaço de uma escola pública, em que a pluralidade dos sistemas de significação e representação cultural constitui para eles fonte de contradição entre o que devem ser e fazer e o que, efetivamente, são e fazem. A análise será conduzida pelo pensamento de Søren Kierkegaard, na obra “O Desespero Humano”, sem abrir mão da consulta a outras obras de sua autoria ou de autores que lancem luz ao tema. A opção por essa obra justifica-se porque nela, conquanto o filósofo apresente o desespero como categoria que indica algum “desequilíbrio na síntese, que é o homem”, a possibilidade de construção de uma existência singular, para Kierkegaard, necessariamente começa com o entendimento do papel tanto do desespero quanto da angústia na jornada existencial de cada um, especialmente, de alunos cristãos, objeto deste trabalho. A razão da escolha desse grupo se deve ao fato de que, em um período de cinco anos, casos de automutilação se multiplicaram exponencialmente na escola, além de dois casos de suicídio. Dois pontos de semelhança entre esses alunos são a faixa etária entre dezessete e vinte e cinco anos, e o cristianismo, tanto protestante quanto católico, como a religião hegemônica entre eles. O trabalho pretende mostrar como o ensino de filosofia, ao problematizar temas existenciais, como o desespero, discutindo seu conceito e seu papel à luz de outros referenciais, possibilita reflexões relevantes, tornando a sala de aula um espaço não apenas de discussões teóricas e distantes da realidade, mas de integração entre o saber filosófico e a realidade existencial dos alunos e suas famílias. A dificuldade em conciliar e efetivamente praticar os valores cristãos, absolutos e perenes, numa sociedade pós-moderna, em constante mudança de paradigmas morais, culturais e existenciais contribui para um perceptível desequilíbrio existencial desses jovens. Para tanto, a intervenção, além de apresentar aos alunos a filosofia de Kierkegaard, também promoverá oportunidade para que eles relacionem o pensamento do filósofo dinamarquês com suas convicções, revelando, assim, as ideias e os sentimentos reprimidos dos envolvidos, a fim de entender como eles se sentem em relação aos dilemas vivenciados em sua tentativa de alcançarem as altas expectativas do cristianismo. Por fim, será proposta a criação de um espaço frequente de fala e compartilhamento de experiências, voltado para todos os atores do espaço escolar.

Palavras-chave: Desespero. Cristianismo. Ensino. Filosofia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	
2. A EXISTÊNCIA DE SØREN KIERKEGAARD.....	
2.1 – A vida de Kierkegaard.....	
2.2 – A religiosidade de Kierkegaard.....	
2.3 – A filosofia de Kierkegaard.....	
2.3.1 – O desespero.....	
2.4 – A experiência religiosa de Kierkegaard e dos alunos cristãos na pós-modernidade.....	
3. A EXISTÊNCIA DE ALUNOS CRISTÃOS NA PÓS-MODERNIDADE.....	
3.1 – Valores imutáveis num mundo inconstante.....	
3.2 – A discussão do desespero à luz da Filosofia de Kierkegaard.....	
4. KIERKEGAARD DIALOGA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO SOBRE O DESESPERO.....	
4.1 – O problema geral.....	
4.2 – Sujeitos da pesquisa.....	
4.3 – O local da pesquisa.....	
4.4 – O planejamento.....	
4.5 – A ação.....	
Etapa 1.....	
Etapa 2.....	
Etapa 3.....	

Etapa 4.....

Etapa 5.....

Etapa 6.....

4.6 – A avaliação.....

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....

REFERÊNCIAS.....

APÊNDICES.....

1 INTRODUÇÃO

Em seu nível mais básico, suicídio é o ato voluntário e intencional de matar a si mesmo. Etimologicamente, a palavra vem de dois termos do latim, *sui*, que significa “próprio”, e *caedere*, “matar” (cf. BEVINGTON, 2004, p. 9). Independente de quão ampla ou longa seja a definição que damos, o suicídio é o desejo e o ato de assassinato próprio.

Dados divulgados pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2018, revelam que cerca de 800.000 pessoas em todo o mundo se suicidam por ano, sendo uma a cada 40 segundos¹. Ainda de acordo com a OMS, é a segunda causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos. No Brasil, o Ministério da Saúde divulgou, em 2018, o primeiro boletim epidemiológico sobre suicídio com dados preocupantes: Cerca de 11.000 pessoas morrem por suicídio todos os anos no país². A incidência desse ato entre a população brasileira é de 5,5 para cada grupo de 100.000 habitantes. Entre jovens, é a quarta causa de morte na faixa etária dos 15 aos 29 anos de idade.

Deve-se ressaltar que esses números não são precisos. Especialistas entendem que há uma considerável subnotificação das ocorrências, decorrente de questões religiosas, tabus, seguros de vida, entre outras. Apesar disso, os números pintam um quadro inquietante e que não pode ser ignorado pela sociedade.

As causas e circunstâncias do suicídio são frequentemente complexas, como observa Bevington:

O suicídio traz à tona emoções, respostas e reações naqueles que são afetados pela morte. Palavras frequentemente associadas a ele incluem: raiva, desânimo, falta de esperança, desamparo, falta de valor, depressão, medo, tragédia, mistério, vergonha, vingança, protesto, ressentimento, alívio da dor, busca por soluções, um grito por ajuda, um legado destruído, perguntas não respondidas, sonhos não realizados, erros, desespero, amargura, lágrimas e arrependimentos. O suicídio *sempre* afeta muitas pessoas. Apesar da ilusão de que é um ato solitário, na realidade ele traz consequências duradoras para muitos.³

¹www.news.un.org, acesso em 8 de abril de 2019, às 22h45.

²www.portalms.saude.gov.br, acesso em 8 de abril de 2019, às 23h35.

³BEVINGTON, Linda, *et al.* **Perguntas básicas sobre suicídio e eutanásia**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

Como se vê, há muitas circunstâncias e eventos que podem servir de catalisadores para o suicídio, tornando-o um ato por demais complexo. Por essa razão, o tema é merecedor de atenção por parte das mais diferentes áreas, como a Psicologia, a Medicina, a Religião, a Sociologia e, claro, a Filosofia.

Embora menos grave que o suicídio, a automutilação também tem despertado o interesse de pesquisadores das mais diferentes áreas. Num trabalho apresentado ao Senado Federal, Aragão Neto (2017) salienta as diferenças entre a prática do *cutting* (automutilação) e tentativa de suicídio. Para o autor, enquanto na primeira a intenção é conseguir alívio, a segunda visa à autodestruição. Aragão Neto ainda aponta o fato de que a automutilação e o comportamento suicida não são dissociados.

Segundo a definição dos Descritores em Ciências da Saúde⁴ (Biblioteca Virtual em Saúde, 2015), automutilação é o “ato de lesar o próprio corpo, até o ponto de cortar ou destruir permanentemente um membro ou outra parte essencial do corpo.” Embora possa ocorrer em qualquer idade e com pessoas dos mais diferentes contextos, é mais comum que essas agressões aconteçam com adolescentes, entre os 13 e 17 anos, fase em que a maioria está cursando o Ensino Médio. Para Santos et. al (2017, p. 2):

A automutilação é um comportamento frequentemente encontrado em indivíduos no período da adolescência, que consiste em cortes superficiais na pele geralmente feito com lâminas. A prática tem despertado cada vez mais o interesse de pesquisadores, professores e profissionais da saúde por muitas vezes um ato inconsciente de escarificar a pele resultar em um suicídio não intencional.

Ainda segundo os autores, a automutilação pode resultar da necessidade de “aliviar uma angústia que não cessa quando transmitida em palavras, mas também pode ser um meio de influenciar outras pessoas, chamar atenção, ou pertencer a um grupo”. Para qualquer pessoa, se cortar, muitas vezes é a única forma encontrada para lidar e amenizar uma dor emocional intensa que pode apontar para quadros de

⁴ <http://decs.bvs.br/cgi-bin/wxis1660.exe/decserver/>, acesso em 19/10/19, às 21h.

depressão, ansiedade ou sofrimento por uma situação de violência recorrente. Esse quadro se torna mais dramático quando se trata de adolescentes.

Araújo et. al (2016, p. 497) destaca que em diversas culturas, tanto primitivas quanto modernas, as pessoas usam o corpo para algum tipo de comunicação. “Além dos adornos usados no corpo com o objetivo de comunicar identidade, status, fé etc., também verificamos ao longo da história as marcas corporais derivadas de lesões autoinfligidas”.

Esta dissertação limitar-se-á a investigar apenas uma das causas responsáveis tanto pela ideação e pelas tentativas de suicídio, quanto por casos de automutilação entre adolescentes cristãos de uma escola pública.

Botega, no artigo “Comportamento suicida: epidemiologia” (2014, p. 233), estima que as “tentativas de suicídio superem o número de suicídios em pelo menos dez vezes”, embora, dada a natureza do evento, não seja possível um registro de abrangência nacional dessas tentativas. A mesma dificuldade se verifica ao se tentar levantar uma estatística com os casos de automutilação, sobretudo, entre adolescentes cristãos. Desse fato decorre a motivação desta pesquisa no Centro Estadual de Educação Profissional em Saúde Tancredo Neves (CEEPS), na cidade baiana de Senhor do Bonfim.

O CEEPS é uma escola de porte especial, pertencente ao Sistema Estadual de Ensino da Bahia, mantida pelo Governo estadual. Destaca-se pela oferta de cursos no eixo tecnológico Ambiente e Saúde, que atrai um grande número de jovens e adultos de todos os municípios do Território Norte do Itapicuru, bem como alguns municípios do Território do Sisal (Itiúba e Monte Santo). Também oferece cursos no eixo Gestão e Negócios. No total, a escola, funcionando nos três turnos, conta com um público de 1.230 alunos, 68 professores e 22 funcionários técnico-administrativos.

Nos últimos cinco anos, a escola foi abalada pelo suicídio de dois alunos, sendo ambos da faixa etária entre 19 e 25 anos, sendo ambos de famílias cristãs (protestante e católica romana). Além disso, ocorrências de automutilação se

multiplicam, bem como declarações de discentes no sentido de pensarem ou desejarem o suicídio. Todos esses casos chegam ao conhecimento de professores e da equipe gestora, deixando-os perplexos com angustiante sensação de inabilidade para lidar com essa temática tão delicada, sobretudo, num espaço vivo, alegre, barulhento, como o da escola. Como salienta Barbosa (2011, p. 235):

A ideia do suicídio como um aparente desfecho para uma história de muito sofrimento, de um quadro depressivo, um ato de desespero ou insanidade, reacende uma discussão sobre a dificuldade que é a compreensão e a abordagem destas pessoas no desenrolar de suas tramas pessoais, além das dificuldades de detecção de sinais de desesperança, dos pedidos de ajuda, verbais e não verbais comuns frente ao surgimento do desejo de morte e da própria ideação suicida. Lidar com a morte nos remete a nossa própria finitude, que atormenta e ameaça. A morte voluntária (suicídio) assusta ainda mais, pois contraria, inquieta e deixa um incômodo no ambiente onde é revelada, suscitando ideias, sentimentos e fantasias de conteúdo terrorífico⁵.

É, pois, a partir de nossa experiência como docente nessa instituição, acompanhando a confusão e angústia vivenciadas por dezenas de alunos, bem como de colegas educadores, envolvendo situações de suicídio (ou de tentativas) e de automutilações entre alunos cristãos (católicos e protestantes), que surgiu a inquietação em buscar uma teoria que possibilite uma abordagem dialógica construtiva entre os atores dessa trama trágica com final quase sempre infeliz.

O problema a ser pesquisado refere-se ao por que os alunos cristãos, apesar de sua fé, não estão conseguindo lidar com suas frustrações cotidianas, sendo vencidos pela angústia e pelo desespero?

A alta exigência das religiões cristãs para que seus adeptos testemunhem um estilo de vida sem crises, coerente com a uma fé triunfalista, que não sucumbe ante a tristeza, a depressão ou o desespero existencial, propicia, naqueles que não alcançam esse ideal, um sentimento de culpa que deflagra tendências autodestrutivas.

Este trabalho pretende demonstrar que o entendimento da natureza do desespero, como o vê Søren Kierkegaard, representa possibilidade de construção de

⁵BARBOSA, Fabiana O.; MACEDO, Paulo C. M.; SILVEIRA, Rosa M. C. Depressão e suicídio. **Rev. SBPH**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, p. 235, jan./jun. 2011.

uma existência cristã com significado, adaptada ao contexto sócio-cultural de cada época, em que as crises são assimiladas e processadas como partes inerentes do cristianismo, oferecendo aos alunos cristãos, com tendências autodestrutivas, uma possibilidade de reflexão sobre sua condição.

Desespero é um termo evitado pelos cristãos ou tratado quase sempre num contexto de derrota, de desvio da rota natural da cristandade. Um levantamento rápido no discurso religioso protestante das últimas duas décadas revela que, embora se admita a possibilidade de um cristão sofrer crises de desespero, “todos os crentes que afundaram na desespero acabaram superando o problema e desfrutando de uma nova e duradoura alegria” (Collins, 2004, p. 123).

Pérsio Ribeiro Gomes de Deus, em obra na qual usa os termos desespero e depressão como intercambiáveis, cujo título é “Um estudo sobre a depressão em pastores protestantes” (2009, p. 191), pondera que

A relação entre sentimento religioso e depressão permaneceu basicamente inalterada ao longo da história do homem. Nessa relação, existe uma causalidade entre depressão e divindades, demônios, pecado ou falta de fé. Essas associações estão tão profundamente arraigadas no homem que ainda o influenciam.

A atribuição do sentimento de desespero, causador da depressão, a “obras de divindades, demônios, pecados ou falta de fé” tem acarretado prejuízos aos praticantes do cristianismo vitimados por esses sentimentos, em especial, a adolescentes e jovens que, consumidos por culpa ou vergonha, reprimem a sua dor até o limite do insustentável. Porém, quando não conseguem mais suportá-la, preferem o *cutting* ou mesmo tentar o suicídio a admitir a sua situação e buscar ajuda.

É nesse ponto que a obra de Søren Kierkegaard pode contribuir.

Kierkegaard nasceu em Copenhague, na Dinamarca, em 1813. Ele foi o último dos sete filhos, tendo nascido quando o pai já tinha cinquenta e seis anos e a mãe, quarenta e quatro. Cinco irmãos de Kierkegaard morreram antes dele. Desde cedo, ficou marcado pelo sentimento religioso da família, como sinaliza Huhne (2005, p. 197):

Os pais idosos, crentes da Igreja Luterana, viviam num clima de angústia em face de Deus. A presença da fé é passada para os filhos como valor principal da vida, fé que se manifesta como dádiva. Desgraçado será todo aquele que não corresponder ao seu apelo. Mas como se dá a relação homem-Deus? Essa é a grande problemática que Kierkegaard perseguirá até a morte, em 1855.

Para dar conta de seu complexo projeto filosófico, Kierkegaard escreveu sob diversos pseudônimos, os quais ele usava para apresentar pontos de vista distintos e interagir uns com os outros em diálogos profundos, nos quais a categoria básica, sem dúvida, era a do “indivíduo”.

O uso de pseudônimos é tema recorrente nas discussões tanto filosóficas quanto literárias envolvendo Søren Kierkegaard. Leão (2011, p. 95),

Como sabemos, Kierkegaard revestiu-se de inúmeros pseudônimos, ocultando o próprio eu, que, paradoxalmente, margeia o discurso por ele mesmo assinado. Contudo, esses pseudônimos constituem um mundo de sujeitos enunciativos imbricados – autor empírico, autor implícito, editor e revisor imaginários, que constroem um locus literário arduo, em que os sujeitos criados, as vozes enunciadas, ganham dimensões alegóricas, intertextuais, perfilando uma galeria de personagens propensos à contradição e ao paradoxo.

Os pseudônimos intermediavam poeticamente os pontos de vista de Kierkegaard sobre a existência, constituindo-se uma figuração da subjetividade, “fragmentando o autor em vários outros autores, destituindo-o da figura de proprietário de textos” (LEÃO, 2011, p. 98). Assim, os pseudônimos demarcam a posição de Kierkegaard fora do texto, pois o autor se joga como adversário de sua própria escrita, mantendo-se, de forma irônica, em diálogo consigo mesmo e com o leitor.

A obra do filósofo dinamarquês representou, a princípio, uma reação à supremacia da razão, em especial, como estabelecida no sistema hegeliano. Não por acaso, Kierkegaard é visto como um dos pioneiros do movimento irracionalista:

O irracionalismo não foi uma corrente filosófica que pretende apresentar o ser humano como um ser irracional. [...] Os pensadores chamados irracionalistas procuraram recolocar a questão da verdade a partir do processo da existência. Nesse sentido, Kierkegaard afirma a importância de viver “uma verdade que seja verdadeira para mim”, pela qual seja possível dar a vida e chegar à morte. Durante a sua vida, deu testemunho dessa verdade, tão desesperadamente procurada e tão livremente encontrada. (HUHNE, 2005, p. 196).

Kierkegaard ligava sua própria importância histórica à categoria de “indivíduo”, vinculando-o também ao desmascaramento da mentira contida nos sistemas filosóficos que, precisamente, se interessam pelo conceito e não pela existência. Para ele, tudo deve começar e terminar no homem.

E o que é o homem? O homem é espírito, e o espírito é o “eu”. Ele ensina que “o ‘eu’ é uma relação que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas apenas consigo mesma” (Kierkegaard, 2004, p. 19). Na verdade, a reflexibilidade está em cada momento do sujeito, pois, “não é a relação em si o ‘eu’, mas, sim, o seu voltar-se sobre si mesma, o conhecimento que ela tem de si mesma depois de estabelecida” (Kierkegaard, 2004, p. 19). Na medida em que o sujeito é sempre reflexão, o contato consigo mesmo é um fenômeno original. Mendes (2014, p. 10) observa que “o sujeito é continuamente transparente e a evidência de si acompanha-o, estando sempre disponível.”

Caes (2011, p. 3), refletindo sobre essa categoria, considera que “o indivíduo kierkegaardiano, em tese, é o único, é o singular que sente a vida pulsar em si, durante seu existir.” Indivíduo, portanto, expressa singularidade. Continua o autor:

O processo de individualização, uma vez iniciado, coloca o indivíduo na “atmosfera das suas condições limítrofes” (VIESENTEINER, 2011a, p. 01). A atmosfera, segundo Kierkegaard, caracteriza uma condição tal, que ninguém, além do indivíduo, na sua mais íntima singularidade, consegue avaliar a condição na qual ele se encontra inserido. Os anteparos moralizantes estão suspensos. A condição limítrofe põe o indivíduo numa circunstância tão distinta, que nem mesmo ele, após vivenciá-la, será capaz de mensurá-la.

Ora, ao assumir-se existencialmente, o indivíduo passa a ter como guia a sua própria consciência. Caes (2011, p. 4) afirma, ainda, que “o indivíduo kierkegaardiano é a superação da multidão.” Apenas pensando por si, sendo capaz de contestar as definições e os julgamentos externos, o desesperado kierkegaardiano, como indivíduo de existência singular, poderá pacificar sua angústia e sua fé, encarando tais circunstâncias com coragem e transparência, sem fugir do problema.

Essa transparência, porém, gera um custo alto. Conforme Reale (2005, p. 253), “para Kierkegaard, o desespero é a culpa do homem que não sabe aceitar a si

mesmo em sua profundidade”, e o desespero é doença mortal e universal, a afligir a todos, sem exceção. Escreveu Kierkegaard (2004, p. 27):

Não há um só que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê de desconhecido ou que ele nem ousa conhecer, receio duma eventualidade exterior ou receio de si mesmo.

Ora, se o desespero é doença que aflige todo ser humano, sem exceção, cabe a pergunta: Então, de onde vem o desespero? O filósofo responde (2004, p. 22):

Da relação que a síntese estabelece consigo própria, pois Deus, fazendo que o homem fosse esta relação, como que o deixa escapar da sua mão, de modo que a relação depende de si mesma. Esta relação é o espírito, o eu, e nela jaz a responsabilidade da qual depende todo o desespero, desde que existe. Dessa relação, ele depende a despeito dos discursos e do engenho dos desesperados em enganaram-se e enganar os outros, considerando-o como uma infelicidade – como no caso da vertigem que o desespero, se bem que de natureza diferente, evoca sob mais de um ponto de vista, a vertigem estando para a alma como o desespero para o espírito e abundando em analogias com ele.

Por isso, desesperar duma coisa ainda não é o verdadeiro desespero, é apenas o seu início. Depois o desespero declara-se como a discordância interna duma síntese cuja relação se refere a si mesma. Como escreve Kierkegaard, “é o viver a morte do eu”. Todo homem, portanto, é desesperado. E, talvez mais do que qualquer outro, o seja aquele que não sente em si nenhum desespero. “A ausência de desespero não equivale à ausência de um mal”, afirmou o filósofo dinamarquês (Kierkegaard, 2004, 29).

Entretanto, para o filósofo danês, ao invés de obscurecer, essa constatação tenta lançar luz sobre o que é geralmente ignorado. Bem longe de desanimar, ela exalta, por considerar sempre o homem segundo a suprema exigência do seu destino: ser um espírito. O desespero é uma possibilidade constitutiva do humano porque ele é o que é.

Sempre que o humano não esteja em equilíbrio, sempre que se relacione consigo mesmo de uma forma desajustada, sempre que esteja aquém de ser espírito, está em desespero. Como observa Mendes (2004, p. 15), “de certa forma, o

desespero é a notificação de uma desordem na estrutura, uma indicação de que se está por conseguir”.

Pode-se dizer que o desespero configura uma espécie de inquietação para a resolução de si, uma pressão para o ajustamento de si a si. É o que afirma Kierkegaard (2004, p. 21):

O desespero se constitui numa vantagem ou numa imperfeição? Ambas as coisas em pura dialética. Em só considerando a ideia abstrata, sem pensar num caso determinado, deveríamos julgá-lo uma enorme vantagem. Sofrer um mal destes coloca-nos acima do animal, progresso que nos distingue muito mais do que o caminhar de pé, sinal da nossa verticalidade infinita ou da nossa espiritualidade sublime. A superioridade do homem sobre o animal está, pois, em ser suscetível de desesperar.

Dessa forma, estar ciente de sua condição de desesperado é, não apenas, o primeiro, mas o passo fundamental para a construção de uma existência singular, a possibilidade de colocar em perspectiva as frustrações do finito, sem supervalorizá-las em detrimento do espírito.

Assim, este trabalho pretende descrever a maneira como os adolescentes significam suas experiências e analisá-las à luz da categoria “desespero”, de Søren Kierkegaard.

Para a consecução de nosso objetivo, será necessário conhecer tanto o manifesto quanto o não dito, as ideias e os sentimentos reprimidos dos alunos envolvidos. É possível conhecer as coisas físicas por meio da descrição de suas qualidades objetivas, porém, esse tipo de análise não pode ser feito para de fato conhecer quem é o homem. Para compreendê-lo, é preciso ativar a consciência, manifestá-la na prática. E essa manifestação se dará, principalmente, pela prática do diálogo.

Num primeiro nível, o diálogo pode ser compreendido como diálogo consigo mesmo, internamente. Nesse caso, trata-se de introspecção. Essa seria uma percepção imediata dos próprios sentimentos, emoções, percepções e pensamentos, de modo a obter uma ampla visão da natureza humana. Ninguém pode conhecer melhor o homem do que ele próprio.

Porém, o diálogo também deve ser feito na interação com os outros, na convivência. Desse modo, o diálogo é uma ação, uma atividade, um modo de vida. A consciência é, assim, fruto do pensamento dialético que também pode ser revelador da verdade.

A intervenção será feita visando a compreender como os alunos, objetos do estudo, vivenciam as crises da pós-modernidade, em que os valores cristãos assumidos e defendidos por eles são criticados, rejeitados, ressignificados ou simplesmente desprezados em seu contexto escolar. Manter-se, pois, apegados a padrões de comportamento numa sociedade em que esses mesmos padrões e valores são contraditados o tempo todo produz uma tensão geradora de ansiedades, que desafia os adolescentes e jovens cristãos a encontrar um chão em se que firmar. Além disso, ao enfrentarem os dramas comuns à sua geração, sobretudo, numa “sociedade líquida” como a atual, esses meninos são submetidos ao julgamento de seus pares da igreja a partir de critérios morais que não são os que eles vivenciam no dia a dia escolar. Ocorre, então, o seguinte quadro: Na igreja, não se admite que eles tenham crises existenciais, pois a origem delas, segundo o pensamento cristão majoritário, está relacionada a “divindades, demônios, pecado ou falta de fé”; na escola, não conseguem estabelecer um diálogo em bases iguais, pois os valores e comportamentos dos colegas baseiam-se em critérios diferentes dos que os cristãos professam. É um desespero silencioso, cujo resultado tem sido catastrófico para alguns.

Na intervenção, os alunos terão espaço para falarem e escreverem sobre como se sentem a respeito de suas crises, problemas, dúvidas e angústias, além de conhecerem as crises, problemas, dúvidas e angústias de Kierkegaard.

O primeiro capítulo reflete a maneira como Kierkegaard elaborou, a partir de sua existência, um cristianismo de viés existencialista, em que a relação pessoal com o Cristo “crucificado” é muito mais importante do que a assimilação de preceitos, rituais e exigências da Igreja. Ser cristão é “descobrir para si” uma verdade pela qual viver ou morrer. E isso pode se efetivar a partir do instante em que o indivíduo aprende a perceber a angústia e o desespero como elementos que sinalizam algum

desequilíbrio no ser humano. Essa sinalização é positiva como início da construção de uma existência singular.

O segundo capítulo pretende demonstrar que os alunos cristãos aprendem em suas igrejas que os valores éticos, morais, os comportamentos, a família etc., são perenes, não sujeitos à relatividade dos tempos, pois emanam da Escritura, a Palavra de Deus. Porém, na ‘vida real’ (escola, na rua), esses valores são inconstantes (líquidos, como diz Bauman). Viver entre esses dois “mundos” e, ter de satisfazer as expectativas de seus pares tem levado esses adolescentes ao abandono do projeto de uma existência singular e, conseqüentemente, à destruição.

O desequilíbrio na síntese, ou seja, o não saber viver entre os dois polos, é interpretado no cristianismo não-kierkegaardiano como fracasso ou rejeição a Deus, uma vez que a única possibilidade legítima, segundo a visão cristã, é “buscar o Reino de Deus em primeiro lugar”. Kierkegaard, entretanto, propõe que o indivíduo, para ter uma existência singular, deve saber se relacionar bem com os dois polos. Além disso, a decisão de optar pela vida cristã não deve ser imposta. Tem de ser por encontrar a “verdade” perante a qual nada mais tem valor. A verdade existencial que possibilitará a liberdade plena e a vida com significado.

O terceiro capítulo apresenta o processo metodológico, constituindo-se da intervenção, que envolverá quatro alunos de confissão cristã, católicos e protestantes. Num primeiro momento, será apresentado o pensamento de Kierkegaard para os alunos, seguido de uma conversa para que eles identifiquem pontos de semelhanças e diferenças entre a perspectiva do autor e o entendimento que eles trazem acerca do “desespero” e da “angústia” e, conseqüentemente, de como lidar com essas questões. Depois disso, os alunos serão estimulados a falarem sobre o que pensam sobre desespero, tristeza, escolhas e angústia. Por meio de produções textuais, os alunos serão convidados a escreverem sobre si, seus pensamentos, intenções, projetos, frustrações. A orientação será para que eles procurem relacionar o que sentem no dia a dia com o pensamento kierkegaardiano e, se possível, analisarem a diferença entre a cosmovisão que aprenderam nas igrejas e a do filósofo dinamarquês.

Finalmente, será apresentada à escola a proposta de criação de um espaço frequente de fala e compartilhamento de experiências para todos os jovens cristãos e não cristãos que desejarem participar.

2. A EXISTÊNCIA DE SØREN KIERKEGAARD

O presente capítulo tem como objetivo discutir como a filosofia de Søren Kierkegaard desenvolveu-se a partir de sua vida e de sua personalidade melancólica, fruto de suas experiências desde a infância e da rígida formação religiosa que recebeu especialmente por parte do pai. A realidade existencial de Kierkegaard é a base de sua filosofia e a sua existência basicamente era definida por sua vida religiosa.

Kierkegaard é o pai do existencialismo. O existencialismo, como corrente filosófica, tem gerado diversas doutrinas que, embora mantenham pontos de contato entre si, podem, ao tratar de alguns temas, oferecer análises tão distintas que qualquer observador concluirá se tratar de linhas antagônicas. Jolivet (1961, p. 3) afirma ser possível discernir três grupos distintos em que se separam os existencialistas, a saber:

Alguns, como Jaspers, seguindo a concepção kierkegaardiana, afirmam que a noção de existência implica a negação da filosofia como sistema, uma vez que, para eles, a “filosofia da existência” apenas corresponde à análise da existência, no que ela tem de mais individual e concreto [...] Outros, como Heidegger, recusam-se categoricamente a admitir que o existencialismo se deva limitar à análise existencial, a que Jaspers o circunscreve, e intentam constituir, a partir dessa análise, uma *filosofia do Ser*, ou seja, uma ontologia. [...] Conviria, finalmente, estabelecer um terceiro grupo com as doutrinas daqueles pensadores que também são considerados existencialistas, como Camus e Bataille, embora, por um lado, eles repilam energicamente essa designação e, por outro, não apresentem, de fato, nada de comum com os filósofos precedentes – exceção feita a G. Marcel – a não ser a crença na absurdidade fundamental da existência e do mundo.

A via existencialista que nos interessa é a da “negação da filosofia como sistema” e a consequente análise da existência individual do pensador dinamarquês. Essa opção se justifica porque o existencialismo kierkegaardiano tem como escopo a experiência cristã e a possibilidade de escolha de um relacionamento significativo com Deus, livre de dogmas e de rituais. Um cristianismo que se entrelaça com a existência, do qual nem sempre é possível falar e, por isso, não cabe em categorias teológicas ou filosóficas, muito menos em discursos proferidos na vã tentativa de comunicar uma verdade que transmita vida. A experiência cristã, para ele, é subjetiva, individual, intransmissível.

2.1 A vida de Kierkegaard

Søren Aabye Kierkegaard nasceu no dia cinco de maio de 1813. “Filho da velhice”, como costumava dizer, foi o sétimo e último rebento do casal Michael

Pedersen Kierkegaard e Anne Sørensdatter Lund Kierkegaard, que antes trabalhava como empregada doméstica de Kirstine, a primeira esposa de Michael, morta sem deixar filhos.

Há uma generalizada avaliação de que o filósofo dinamarquês era um homem melancólico, responsável por uma filosofia enfadonha e pessimista. De fato, ele próprio admite em muitas de suas obras ser uma pessoa sisuda, reconhecendo o peso de seu temperamento em seus escritos e atribuindo boa parte de sua severidade à sua educação familiar, sobretudo, à influência de seu genitor em sua formação. Há duas histórias obscuras de seu pai, Michael, que impactaram sobremaneira a personalidade soturna de Kierkegaard. A primeira envolve as circunstâncias do casamento de seus progenitores. Backhouse (2019, p. 50) informa que

Søren não era filho ilegítimo, mas sua irmã possivelmente era. Michael Kierkegaard, cidadão honrado, casou-se com Anne Lund um ano após a morte de sua primeira esposa. Que Anne era uma prima e governanta analfabeta teria sido suficiente para atrair o olhar coletivo de Copenhague. E para piorar, a primeira filha deles, Maren, nasceu apenas cinco meses após o casamento apressado.

Saber das circunstâncias que envolveram o matrimônio de seus pais produziu uma perturbação intensa no pensador dinamarquês, em especial em sua relação com sua genitora, a senhora Anne. Isso pode ser visto, por exemplo, no fato de que, nas milhares de páginas escritas por ele, não há sequer uma menção direta à sua mãe. Para os comentaristas, essa omissão reflete a maneira como a melancolia e o sentimento de culpa, que assolaram seu pai ao contrair núpcias em circunstâncias impróprias, encontraram abrigo na personalidade de Kierkegaard. Em um trecho importante da obra *Kierkegaard's Journals and Papers*, citado por Backhouse (2019, p. 49), o filósofo escreve, em tom confessional, que

É terrível pensar, mesmo que por um único momento, sobre o fundo sombrio que há em minha vida desde o começo. A ansiedade com a qual meu pai encheu a minha alma, sua própria depressão assustadora, muita coisa da qual eu não posso nem escrever.

O outro acontecimento marcante lhe foi narrado pelo próprio pai. Michael, quando garoto, vigiava as ovelhas da família nas charnecas da Jutlândia. Revoltado com a pobreza de sua família, o então pastor de ovelhas amaldiçoou a Deus. Uma vida toda dedicada à religião foi incapaz de trazer ao patriarca a sensação, mesmo que momentânea, de ter sido perdoado por essa blasfêmia. Essa mágoa se refletia

no ambiente doméstico, sempre sério, sombrio e cheio de restrições. O espírito deprimido do pai envolveu e caracterizou a família, em especial, o filho mais novo.

Reale (2005, p. 225) sintetiza a relação de Kierkegaard com o pai na seguinte observação:

Em sua família, sobretudo no pai, Kierkegaard viu a marca de um trágico destino misterioso. [...] Talvez a culpa secreta do pai tenha sido a “maldição” que lançara quando menino contra Deus na deserta charneca de Jutland, e que ainda não esquecera com a idade de oitenta e dois anos. Ou então o “pecado com Betsabéia” (sic), cometida com a doméstica poucos meses depois da morte da primeira mulher. Seja como for, a revelação improvisa da culpa do pai representaria para Kierkegaard uma como que lâmpada no escuro, que lhe permitiria a compreensão profunda do mistério de sua vida.

Além do peso dessas experiências, Kierkegaard teve de lidar com a morte, uma constante em sua casa. De uma família de nove pessoas, sobreviveram apenas o pai, o irmão Peter Christian (quatro anos mais velho que ele) e, claro, o próprio Søren. Uma estranha coincidência intensificava ainda mais a aflição daquela família de religiosos: As irmãs mais velhas do filósofo, Petrea e Nicoline, morreram com a idade de Jesus Cristo, o que levou Michael a declarar a convicção de que não veria nenhum de seus filhos viver mais do que trinta e três anos.

Em reflexão fortemente pautada pela visão religiosa, Kierkegaard interpreta todo o sofrimento vivenciado por sua família como a justa retribuição de Deus aos pecados de seu pai. Em seus diários, Søren escreveu (Backhouse, 2019, p. 49):

Foi então que ocorreu o grande terremoto, a perturbação assustadora que de repente me levou a um novo princípio infalível para interpretar todos os fenômenos. Imaginei, então, que a velhice do meu pai não era uma bênção divina, mas sim uma maldição; que as capacidades intelectuais e excepcionais de nossa família eram apenas para se atormentarem mutuamente. Depois, senti a quietude da morte se intensificar ao meu redor, quando vi em meu pai um homem infeliz que sobreviveria a todos nós, uma cruz memorial no túmulo de todas as suas esperanças pessoais. Uma culpa deve repousar sobre toda a família, um castigo de Deus deve estar sobre ela: espera-se que ela desapareça, obliterada pela poderosa mão de Deus, desvanecida como um erro.

Um fato ainda deve ser destacado para a tentativa de compreender a influência de sua vida em sua filosofia: O noivado frustrado com Regine Olsen. Apesar de considerá-la o amor de sua vida, decidiu romper o compromisso com a moça, pois, casando-se, ou haveria de menosprezar a Deus, dedicando tempo e cuidados a Regine, ou menosprezaria Regine, ao cumprir suas obrigações com Deus. Ao longo de sua vida, deixou claro que jamais superou o amor pela moça, a quem dedicou

várias de suas obras e, em seu testamento, destinou todos os seus poucos bens para ela.

A história de vida de Kierkegaard é fundamental para uma compreensão de seu pensamento, afinal, ele declarou inúmeras vezes que, diferente de outros autores, costumava escrever e “pregar” para si mesmo e sobre si mesmo. Em seu “Pós-escrito às migalhas filosóficas” afirma que toda a sua obra “gira, no distanciamento do experimento sobre mim mesmo, só e exclusivamente sobre mim mesmo” (Kierkegaard, 2016, p. 333).

2.2 A religiosidade de Kierkegaard

Kierkegaard se orgulhava de “ser reflexão do início ao fim”. Para ele, a mera especulação filosófica dissociada do devir humano não fazia nenhum sentido e certamente não acrescentaria nada de útil. Só há sentido em uma reflexão se se tratar de uma retomada constante do vir-a-ser humano e este, propriamente, cristão. Não por acaso, o conteúdo filosófico de Kierkegaard, como temos visto, tem origem em sua própria existência. Os acontecimentos de sua vida, seus dramas, suas crises, sua educação e sua visão particular acerca do cristianismo, o fizeram escrever a seu respeito, evitando elaborar um tratado sistemático de Filosofia ou de Teologia, embora ele tivesse seu modo próprio de sistematicidade, por exemplo, lançando mão de pseudônimos.

No prefácio ao livro “Migalhas Filosóficas” (2011, p. 12), o autor justifica a sua opção de fazer de sua existência a principal matéria de sua reflexão:

[...] se alguém quiser ter a bondade de supor que eu tenho uma opinião, e se levar sua gentileza ao extremo de adotá-la por acreditar que é a minha, então lamento pela cortesia que é dada a alguém que não merece, e lamento por sua opinião, caso ele não tenha outra além da minha; a minha própria vida eu posso arriscar, posso jogar com minha vida na maior seriedade, mas não com a de um outro. É disso que eu sou capaz, a única coisa que eu posso fazer pela ideia, eu que não tenho doutrina a oferecer [...].

Em suas reflexões, de fato, não há doutrinas. Porém, há o interesse em descrever o verdadeiro cristianismo como experiência subjetiva da fé. Faz-se

necessário, portanto, compreender o contexto religioso em que o filósofo expôs seu pensamento.

Kierkegaard era um cristão luterano. Isso faz dele um herdeiro do movimento ocorrido no século XVI, denominado Reforma Protestante. É bem verdade que o nome e o sentido dados à Reforma são condicionados pela visão do historiador. O historiador católico romano a entende como uma revolta dos protestantes contra a única e verdadeira igreja. Para o historiador protestante, porém, trata-se de uma volta aos padrões do Novo Testamento e, conseqüentemente, à pureza original do Cristianismo. Deve-se observar, não obstante, que o protestantismo não configura um bloco homogêneo. De fato, desde o início, os protestantes manifestaram divisões na interpretação e na prática das Escrituras. Grenz e Olson (2003, p. 382) apontam que

Na primeira geração, a teologia cristã protestante teve quatro ramificações diferentes. As quatro ainda existem, mas elas também se dividiram. Essas ramificações são ainda hoje: luterana (ou *Evangelische* em alemão), reformada (“os suíços” para Lutero), anabatista (considerada a parte principal da Reforma Radical) e anglicana (a Igreja da Inglaterra). Cada qual tinha ênfases próprias, que diferiam das demais, embora todas compartilhassem os três princípios protestantes mais importantes – *sola Scriptura*⁶, *sola gratia et fides*⁷ e o sacerdócio de todos os crentes⁸.

Uma palavra deve ser dita acerca do movimento que originou o luteranismo, braço do protestantismo ao qual Kierkegaard se filiou por um bom trecho de sua vida. Divisões sempre ocorreram no cristianismo ao longo de sua história. No século XI, deu-se a separação entre a Igreja Ocidental (Roma) e a Igreja Oriental (Ortodoxa). Já no século XVI, como resultado de grandes transformações históricas e sociais que transtornaram o mundo desde o século XV, ocorreu uma ruptura na Igreja Ocidental, conhecida como Reforma Protestante.

⁶ Do latim, “somente as Escrituras”, significando que toda a autoridade para regular a vida cristã dependia diretamente da Bíblia.

⁷ Do latim, “somente pela graça por meio da fé”, significando que é a graça de Deus, desfrutada pela fé, a causa de toda bem-aventurança cristã.

⁸ Doutrina protestante que declara que todo crente tem acesso a Deus sem necessitar de um sacerdote. Apesar disso, há uma forte ênfase no sentido comunitário da igreja, os cristãos são sacerdotes uns dos outros.

Os reformadores criticavam o comportamento do clero católico. Eles consideravam perniciosas as práticas da venda de indulgências, isto é, o perdão dos pecados, bem como da simonia, o comércio de relíquias sagradas e de postos dentro da hierarquia eclesiástica. Vários pontos doutrinários dividiam os reformadores, porém, em geral, defendiam uma religião pautada na individualidade, em que cada cristão tinha livre acesso a Deus, podendo ler e interpretar as Sagradas Escrituras sem o magistério da Igreja. Esse individualismo caracteriza todas as ramificações protestantes oriundas desse movimento.

O luteranismo tem como princípio elementar a ênfase na justificação pela fé. Para Lutero, essa não era simplesmente uma doutrina entre outras, mas o resumo de toda a doutrina cristã. Ele escreveu:

Comecei a entender que “a justiça de Deus” significava aquela justiça pela qual o homem justo vive mediante o dom de Deus, isto é, pela fé. É isso o que significa: a justiça de Deus é revelada pelo evangelho, uma justiça passiva com a qual o Deus misericordioso nos justifica pela fé, como está escrito: “Aquele que pela fé é justo, viverá”. Aqui, senti que estava nascendo completamente de novo e havia entrado no próprio paraíso através de portões abertos. (apud GEORGE, 1994, p. 64).

Nos dias de Kierkegaard, porém, o luteranismo estava muito diferente. A igreja dinamarquesa era palco da luta de dois movimentos contraditórios. De um lado, o liberalismo teológico; do outro, o pietismo, em especial, dos irmãos morávios. O consenso entre esses grupos estava no fato de que a reforma luterana foi um excelente começo para um movimento de renovação, mas ficou incompleto.

Nessa tensão, encontra-se o filósofo dinamarquês, insatisfeito com as duas correntes, desesperado por descobrir uma via que permitisse desfrutar de uma experiência legítima com o “crucificado” porque sua vida era pautada em sua religiosidade. “Para Kierkegaard”, escreveu França (2014, p. 18), “a religião ocupava um lugar privilegiado de reflexão e existência”. Na obra *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*, ele deixa isso bem claro ao afirmar que

Esta pequena obra propõe-se, pois, dizer o que sou verdadeiramente como autor, que fui e sou um autor religioso, que toda a minha obra de escritor se relaciona com o cristianismo, com o problema de tornar-se cristão, com intenções polêmicas diretas e indiretas contra a formidável ilusão que é a

cristandade, ou a pretensão de que todos os habitantes de um país são, tais quais, cristãos (KIERKEGAARD, 1986, p. 22).

Seu zelo cristão o levou a demonstrar profunda revolta com a cultura religiosa dinamarquesa, a qual acusava de ser burocrática e distante do cristianismo autêntico que, segundo ele, deveria ser caracterizado pela renúncia e a aceitação de sofrimentos, imitando a vida de Jesus Cristo. Para demarcar essa distinção, o autor usava os termos “Cristandade” e “Cristianismo”. O primeiro fazia alusão ao formalismo e ao apego à letra da lei por parte da igreja dinamarquesa, enquanto reservava o termo “Cristianismo” ao esforço de resgatar a fé interior, a subjetividade da relação com o Cristo. Sua desaprovação ao estilo de vida religioso, patrocinado pela igreja oficial de seu país, colocou-o em conflito não apenas com o clero e a alta cúpula do luteranismo danês, mas também, fê-lo denunciar seus conterrâneos, os quais estavam longe de uma vida autenticamente cristã (Ponte, 2009, p. 3).

O filósofo também se opôs ao pensamento teológico liberal, predominante no cenário mais amplo do protestantismo europeu. Esse movimento é tributário do Iluminismo e caracterizou-se pelo reconhecimento máximo das afirmações do pensamento moderno, enfatizando a liberdade que o pensador cristão possui para criticar e reconstruir crenças tradicionais (Grenz e Olson, 2003, p. 58). Complexa, a teologia liberal é “ao mesmo tempo uma volta crítica à Escritura contra a sistematização da mensagem pela dogmática cristã como também uma tentativa de reconciliação entre a cultura e a fé” (Farago, 2005, p. 159). Os evangelhos, para mencionar uma aplicação desse pensamento, deveriam ser entendidos não como relatos biográficos ou históricos, mas, sim, como testemunhos de fé, que pretendem transmitir um ensinamento existencial. Ao ler o texto bíblico, o intérprete deve evitar o literalismo da tradição teológica, encontrando a intenção existencial nos relatos escriturísticos. Kierkegaard se afastou tanto da teologia liberal quanto da leitura literal do texto sagrado, pois

Para Kierkegaard, o movimento teológico racionalista liberal não podia explicar a sério a singularidade do evento de Cristo, que revela de modo único e perfeito a profundidade da vocação divino-humana à qual cada homem é chamado. Em assim fazendo, Kierkegaard se mostra muito profundamente fiel à Reforma e se acha em consonância com sua herança reivindicada pelo neoprottestantismo do século XIX, para o qual a subjetividade constitui uma realidade, um polo irreduzível a qualquer inserção em uma totalidade integrante, mesmo que fosse de natureza eclesial (FARAGO, 2005, p. 162).

A severidade de Kierkegaard em relação à prática religiosa de seus dias decorria marcadamente pelo fato de seu pai ser adepto da Igreja dos Morávios⁹, um ramo da reforma luterana do século XVI. Esse movimento, também conhecido como pietismo alemão, denunciava o estado de letargia espiritual, moral e teológica da igreja protestante, manifestado no que para os morávios era uma ortodoxia morta. A experiência pessoal e íntima com Deus era o enfoque e a base da pregação pietista. Enquanto isso, o luteranismo pós-Reforma reduzia o cristianismo ao acolhimento da pregação, dos sacramentos e da aderência às confissões luteranas, equiparando o cristianismo com a crença na regeneração batismal, a participação no culto e a adesão às doutrinas da tradição luterana (Olson, 2001, p. 489).

Pouco antes do nascimento de Søren, um jovem pastor luterano chamado Jakob Peter Mynster foi designado para a igreja da rua em que morava a família Kierkegaard. O pastor reforçou em Michael uma versão do cristianismo que se opunha veementemente ao liberalismo teológico e aos rituais repetitivos e enfadonhos da igreja. Contra o liberalismo teológico, pesava a atitude de basear a vida cristã em alguma outra fundação que não a autoridade absoluta da Bíblia, além da ênfase na liberdade que o cristão deveria possuir de, como indivíduo, criticar e reconstruir crenças tradicionais. Tal perspectiva era ofensiva para o pietismo professado pela família Kierkegaard que, ainda assim, para não ficar alheia à vida social de sua cidade, foi batizada e confirmada na Igreja Luterana do Estado. Entretanto, o cristianismo dos morávios, com forte ênfase no Cristo torturado e crucificado era levado muito a sério no lar do filósofo. Sob a orientação do pastor Mynster, os kierkegaards também se opuseram à burocratização da fé luterana em seus dias. Por “burocratização da fé”, entende-se a tendência seguida por teólogos de uma ou duas gerações após Martinho Lutero de sistematizarem racionalmente a doutrina, mesclando-a com elementos da teologia natural, da lógica aristotélica e com formulações doutrinárias extremamente detalhistas. Stein (1986, p. 21) destaca que

o espírito escolástico – da ordem luterana – estendeu uma mortalha intelectual sobre a fé cristã. As pessoas tinham a impressão de que o cristianismo consistia no recebimento da Palavra salvífica de Deus pela pregação e pelos sacramentos, além da aderência leal às

⁹A Igreja dos Irmãos Morávios é uma denominação protestante cuja origem remonta ao século XV na Boêmia, atual República Tcheca.

confissões luteranas. Dizia-se que, com poucas exceções, os pastores evitavam qualquer ênfase à interioridade.

A religiosidade professada pela família de Kierkegaard, por outro lado, identificava o cristianismo em termos da experiência genuína da transformação interior. Para eles, a ortopatia (sentimentos corretos) e a ortopraxia (o viver correto), bem como a ortodoxia (a crença correta) eram indissociáveis. A experiência certa e o viver certo conduziriam necessariamente à crença certa. Isso, na concepção dos kierkegaards jamais poderia ser vivenciado numa igreja racionalista e burocrática como a Luterana de seus dias.

Em um trecho de seus escritos, refletindo sobre o papel da religiosidade em sua educação familiar, Kierkegaard relata, de forma comovente, o impacto do cristianismo de seu pai em sua vida

Eu, quando criança, fui educado rigorosa e seriamente no cristianismo, educado de forma insana, humanamente falando – já na mais tenra infância, eu me sobrecarregara com a impressão de que o velho homem deprimido, que jazia sobre mim, estava sucumbindo – uma criança que se revestiu, quão insano, como um velho homem deprimido. Que assustador! Não é de admirar, então, que houve momentos em que o cristianismo me pareceu a crueldade mais desumana, embora eu, mesmo quando estava mais distante, nunca me abstive da veneração que tenho por ele (BACKHOUSE, 2019, p. 54).

Analisar a força da religiosidade no pensamento kierkegaardiano é pré-requisito para penetrar em suas categorias filosóficas, em especial, a do Desespero. Além disso, as questões existenciais são discutidas pelo filósofo a partir de situações concretas vivenciadas em seu próprio contexto. Como considera Ross (2010, p. 167), em Kierkegaard, “o religioso não é simplesmente apresentado em linguagem hermética e de modo distanciado, mas como algo que se relaciona a situações concretas e a perguntas elaboradas a partir de situações vividas”. E, nesse ponto, começavam os conflitos de Søren, pois, para ele, a Igreja oficial havia se distanciado desse cristianismo, tornando-se desnecessária.

Kierkegaard rejeitava a religião oficial porque, nela, o indivíduo se perdia nas imposições “de fora para dentro”. Para ele, entretanto, um cristão não deveria ser o que as verdades, as regras, os rituais objetivos determinassem, mas, sim, experiência, encontro existencial principalmente com o Cristo crucificado. Pela mesma

razão, recusou o hegelianismo e o liberalismo, pois, o primeiro dissolvia o particular no geral, enquanto o segundo aniquilava o histórico com uma objetividade estéril. “Kierkegaard se insurge contra esse reducionismo do indivíduo e sua subjetividade” (SILVA, 2009, p. 11). Por fim, teve de abdicar também do cristianismo que recebera do pai porquanto não era “feito de confiança e de esperança, mas consistia acima de tudo em se aferrar com angústia e desespero a uma fé incapaz de socorrê-lo” (Farago, 2005, p. 30).

2.3 A filosofia de Kierkegaard

Antes de tudo, é preciso destacar que não há em Kierkegaard a intenção de elaborar um sistema filosófico ou mesmo uma teologia para seus contemporâneos. Ele mesmo insistia que, para pensar a vida humana, o filósofo deve refletir sobre sua própria vida, esse é o pressuposto básico do existencialismo kierkegaardiano. O termo existencialismo designa as correntes filosóficas que fazem da existência humana o início e o objeto de suas reflexões. Não há, portanto, em sua obra, proposições e teorias racionais que sejam alheias à vida concreta do ser humano. Kierkegaard, o precursor das filosofias da existência propõe uma filosofia cristã cuja base seja a existência, ou melhor, a compreensão do indivíduo em sua subjetividade. Essa é uma característica marcante em seu pensamento. Jolivet (1961, p. 33) observa que “o existencialismo kierkegaardiano só tem uma origem, que é a realidade existencial de Søren Aabye Kierkegaard.” E a existência dele foi a de um *homo religiosus*, um dos poucos de sua espécie, que ousou atacar a filosofia especulativa hegeliana em nome da realidade do indivíduo.

A síntese de sua rejeição ao pensamento de Hegel estava no que ele classificou como “a pretensão de explicar tudo” e demonstrar a necessidade de todo acontecimento sem, contudo, compreender a existência humana (Reale, 2005, p. 230). Contra Hegel, Kierkegaard contrapôs o “Indivíduo”, que se põe no mundo da vida aberto a todas as possibilidades. Não há sistema nenhum “capaz de medir numa locução universal a vida de todo e qualquer ser humano” (Sousa, 2014, p. 2).

No livro *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor* (Kierkegaard, 1986, p. 22), o dinamarquês apresenta a intenção de sua obra nos seguintes termos:

Esta pequena obra propõe-se, pois, dizer o que sou verdadeiramente como autor, que fui e sou um autor religioso, que toda a minha obra de escritor se relaciona com o cristianismo, com o problema de tornar-se cristão, com intenções polêmicas diretas e indiretas contra a formidável ilusão que é a cristandade, ou a pretensão de que todos os habitantes de um país são, tais quais, cristãos.

Apesar de ter como problema central “o como tornar-se cristão”, ressalte-se que Kierkegaard não pretendeu comunicar por meio de conceitos ou proposições o que isso significa. Valls observa que o filósofo dinamarquês “está convencido de não ter uma doutrina propriamente nova, uma teoria recém-inventada para ensinar. Recusa-se à comunicação magistral” (Valls, 2000, p. 17). Seu método consiste em refletir a partir dos dramas vivenciados por ele e, assim, chegar à “existência singular”, outra categoria fortemente presente nos escritos do filósofo de Copenhague.

Existir não é o mesmo que ser. Trata-se de uma tarefa, uma condição essencial: a de ter que devir, edificar-se, construir e efetivar seu projeto, sua história. Será através de seus atos, de suas escolhas, que o homem se determinará na construção de seu projeto. Dessa maneira, deve-se perceber que, para o homem, existir é não ser Deus e, ao mesmo tempo, distinguir-se das coisas e dos seres que existem “na inconsciência da imediaticidade e da coincidência do eu consigo mesmo” (Farago, 2011, p. 76). A existência, portanto, relaciona-se à possibilidade. Essa é a principal característica do indivíduo. A tarefa do existente é lidar, a cada momento, com a difícil necessidade de escolher. Escolher a Deus, a si mesmo, escolher a verdade ou, por outra via, negar-se a escolher e apenas viver, o que, para ele, tem sido a “escolha” da maior parte das pessoas. Tal estado de “não escolha” é designado de “existência inautêntica” pelo filósofo, pois, nele, o vivente opta por continuar alienado de seu verdadeiro eu, sendo determinado existencialmente por outros.

O sentimento de possibilidade presente na existência provoca a angústia que, para Kierkegaard, “é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade” (Kierkegaard, 2013, p. 45). Angustiar-se é próprio do homem que trabalha para alcançar a existência singular. É um trabalho doloroso, entretanto,

necessário para arrancar o homem da letargia da ignorância diante das possibilidades, fazendo-o decidir e, decidindo, tornar-se consciente de sua existência. Para ele, a possibilidade da liberdade não consiste em poder escolher o bem ou o mal, mas em levar o homem a *ser-capaz-de* (Kierkegaard, 2013, p. 53). Por isso, ao mesmo tempo em que a angústia é condição inicial na caminhada, concomitantemente, é causadora de desconforto, de sofrimento. Numa passagem do livro *O Conceito de Angústia*, o filósofo dinamarquês, fazendo uso de um paradoxo, engendra uma descrição interessante desse desconforto ao afirmar que “a angústia é uma antipatia simpática e uma simpatia antipática” (2013, p. 46). Pela angústia, o homem pode sentir que está diante de diversas possibilidades, sendo que uma escolha pode ser decisiva à sua existência.

Angustiar-se é abrir-se à existência. E a existência, para Kierkegaard compunha-se de três estágios: o estético, o ético e o religioso. Não são momentos estanques ou processos pelos quais todos os indivíduos passam. É possível uma vida toda no estágio estético sem que se consiga dar o “salto” para o estágio ético ou o religioso. No estágio estético, o indivíduo tem como finalidade única a busca pelo prazer, adotando a realidade exterior, o efêmero e o transitório. Há níveis nesse estágio, tipificados pelo filósofo com algumas figuras como Don Juan¹⁰, Fausto¹¹ e o judeu errante Assuero¹². A mudança para outro estágio se dá por meio de “salto”, não sendo processual, lenta, mas repentina, como uma conversão. No estágio ético, predomina a seriedade, o respeito às leis e a obediência à moral da sociedade. Nesse nível, o indivíduo deixa para trás a instabilidade da juventude e forma uma família, a manifestação característica desse estágio. A figura típica do estágio ético é o assessor Guilherme, retratado no livro *Ou-Ou*, empregado fiel e dedicado a esposa e aos filhos. O último salto deve ser para o estágio religioso, caracterizado pela fé, pela relação com Deus. “É o momento no qual a honestidade natural não é mais suficiente, porque a fé impõe obrigações que podem entrar em conflito com a lei” (Mondin, 1983, p. 70). Aqui se dá a existência singular, na qual o indivíduo assume a fé como risco e incerteza, aceita a sua condição de miséria e insignificância, entrega-se a Deus e dele passa a depender. Nesse estágio, o homem prioriza a sua interioridade, firmando-a

¹⁰ Personagem sedutor de um drama teatral de Tirso de Molina (1630).

¹¹ Doutor Fausto, personagem de Goethe, fez um pacto com o demônio em busca de conhecimento.

¹² Personagem da tradição oral cristã que, por insultar Jesus enquanto este ia para o monte da crucificação, foi condenado a vagar pelo mundo, sem poder morrer, até a volta de Cristo.

no amor a Deus. O representante perfeito desse estágio é o patriarca Abraão, cuja conduta é investigada na obra *Temor e Tremor*.

Há, ainda, outros temas tratados por Kierkegaard, como “o instante”, a subjetividade, a comunicação da verdade, além do uso de pseudônimos que o filósofo faz recorrendo a uma estratégia comum entre os autores românticos no final do século XVIII e início do XIX. Essas categorias extravasam os limites pretendidos por este trabalho, restando, não obstante, considerar a categoria central para a pesquisa: O Desespero.

2.3.1 O Desespero

O uso que Kierkegaard faz de pseudônimos, de fato, está além do objetivo deste trabalho. Entretanto, faz-se necessário salientar que na obra “*O Desespero Humano*”, o autor elaborou um personagem a fim de representar um cristianismo que ele, Kierkegaard, almejava. Sua comunicação indireta por meio do personagem Anti-Climacus, visava não apenas demarcar a posição do filósofo fora do texto, mas, especificamente neste caso, render homenagens a um cristão (Anti-Climacus) considerado por ele como exemplar, além, claro, de direcionar a atenção do leitor para o cristianismo autêntico, expurgado tanto do intelectualismo estéril quanto da burocratização ritualística promovida pela igreja oficial (Luterana) dinamarquesa.

Anti-Climacus, portanto, personaliza a radicalidade da filosofia tal qual entendida por Søren Aabye Kierkegaard, uma propedêutica da vida cristã. A reflexão filosófica deve embasar “um permanente, progressivo e consciente esforço de acabamento de si mesmo à luz do ideal cristão, ou então, na busca de um saber que terá de constituir um todo uno com o existir como cristão” (Jolivet, 1961, p. 43). Porque existir genuinamente é existir como cristão. E esse processo de tornar-se si mesmo, que constitui o objetivo maior da discussão de Anti-Climacus, é compreensível, pois o homem, ao contrário do animal, não encontra o seu fim na espécie, mas em uma existência singular.

O fim da existência humana, tornar-se um verdadeiro “eu”, é conhecido. Anti-Climacus, então, inicia a jornada reflexiva estabelecendo o conceito de “ser”, na passagem clássica de abertura do livro:

O homem é espírito. Todavia, o que é espírito? É o “eu”. Mas, nesse caso, o “eu”? O “eu” é uma relação que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas apenas consigo mesma. Ela consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade, mais e melhor do que na relação propriamente dita. Não é a relação em si o “eu”, mas, sim, o seu voltar-se sobre si mesma, o conhecimento que ela tem de si mesma depois de estabelecida. O homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em resumo, uma síntese. É a relação de dois termos uma síntese. O “eu” não existe ainda sob este ponto de vista. (KIERKEGAARD, 2004, p. 19).

A formulação complicada pode ser uma provocação à uma terminologia hegeliana semelhante. Entretanto, mesmo que seja esse o caso, ela permite constatar que o “eu” a ser analisado é mais um verbo do que um pronome. O espírito que é o “eu” kierkegaardiano não está acabado, devendo ser encontrado pelo indivíduo na síntese entre os extremos indicados pelo autor. O indivíduo não nasce pronto. Ele deve decidir-se por restabelecer “a relação que é o eu do homem. É uma relação que não é apenas consigo própria, mas com outrem” (Kierkegaard, 2004, p. 20). E, para isso, ele precisa assumir-se existencialmente, tarefa evitada pela maior parte das pessoas que preferem manter-se na ignorância e na inautenticidade.

Porém, se o olhar-se para si mesmo em busca do estabelecimento da relação correta é essencial para a construção do “eu”, neste mesmo movimento, dá-se o desespero. “O desespero é a discordância interna duma síntese cuja relação se refere a si mesma” (Kierkegaard, 2004, p. 21). Assim, chega-se a constatação de que “o desespero está em nós”. Melani (2013, p. 196) sintetiza esse ponto:

O eu é a consciência da relação entre os termos envolvidos na síntese. O eu pode querer se firmar ou se negar, mas qualquer uma dessas alternativas não pode ser bem-sucedida. O eu não pode se firmar plenamente porque o homem não é um ser autossuficiente e completo. Não pode se negar, porque seria buscar ser algo que não é na verdade. Essa situação de impossibilidade causaria o desespero.

Anti-Climacus há um problema na síntese que é o homem, o que constitui o desespero. O autor afirma que “o desespero está em nós. Mas se não fôssemos uma síntese, não poderíamos desesperar, e tampouco o poderíamos se esta síntese

não tivesse recebido sua firmeza de Deus, logo ao nascer” (Kierkegaard, 2004, p. 22). O desespero é o sinal de que algo potencialmente glorioso sofreu um desvio de rota.

Como entende Kierkegaard, a relação correta da síntese foi estabelecida por Deus. Por isso, o desesperado que tentar, por si só, suprimir esse mal, ver-se-á frustrado, diante da sua incapacidade. Isso acontece porque “no desespero, a discordância não é uma simples discordância, mas a de uma relação que, embora orientada sobre si própria, é estabelecida por outrem (Deus)” (Kierkegaard, 2004, p. 20). Desesperar-se é, portanto, é não conseguir ou recusar-se a se tornar um “eu” autêntico, o que, para o filósofo, só é possível restabelecendo-se a relação correta com Deus, “que é quem pôs a relação”. Por essa via, é impossível escapar ao desespero e, uma vez apanhado por ele, livrar-se unicamente por seu esforço, pois todo homem deve sua existência a Deus. É a conclusão de Anti-Climacus, que afirma que o eu “orientando-se para si mesmo, querendo ser ele mesmo, o eu mergulha, através da sua própria transparência, até ao poder que o criou” (Kierkegaard, 2004, p. 20).

Percebe-se, então, que, para Kierkegaard, todo ser humano vive, em maior ou menor grau, em desespero, sendo este um fenômeno universal. O não desesperar-se, para ele, equivale a não-existência, ao nada. A essa altura, antecipando-se a um questionamento óbvio, o autor promove uma reflexão sobre o desespero:

O desespero se constitui numa vantagem ou numa imperfeição? Ambas as coisas em pura dialética. Em só considerando a ideia abstrata, sem pensar num caso determinado, deveríamos julgá-lo uma enorme vantagem. Sofrer um mal destes coloca-nos acima do animal, progresso que nos distingue muito mais do que o caminhar de pé, sinal da nossa verticalidade infinita ou da nossa espiritualidade sublime. A superioridade do homem sobre o animal está pois em ser suscetível de desesperar. A do cristão sobre o homem natural, em sê-lo com consciência, assim como a sua beatitude está em poder curar-se. (KIERKEGAARD, 2004, p. 21).

O desespero tem a ver com o fato de alguém viver uma vida toda sem, contudo, experimentar uma existência singular, genuína. Importante ressaltar que desespero, em Kierkegaard, não tem a ver com depressão, melancolia ou tristeza. Como bem observa Backhouse (2019, p. 241), “alguém pode estar deprimido sem estar desesperado e, alternativamente, pode viver em total conforto, mas estar desesperado”. O “desespero é uma categoria do espírito” que, por sua vez, remete o

homem à eternidade. Ao dizer isso, pretende-se direcionar a reflexão para o verdadeiro propósito do cristianismo que, na concepção kierkegaardiana, se dá na individualidade, na fé subjetiva, na decisão existencial de cada desesperado refugiar-se em Deus. Como pontua Anti-Climacus, “cada vez que se manifesta uma discordância, e, enquanto ela permanece, é necessário remontar à relação” (Kierkegaard, 2004, p. 22).

Em suma, “há uma infinita vantagem em poder desesperar, e, contudo, o desespero não só é a pior das misérias, como a nossa perdição” (Kierkegaard, 2004, p. 21). Isso se dá porque desesperar pode provocar no indivíduo uma apatia que o levará a desistir da árdua tarefa de constituir-se como ser autêntico. A “multidão”, como denunciou Kierkegaard, prefere o conforto do ritual, da ignorância, do ser conduzido por outros, evitando, assim, o acerto de contas com a eternidade. O filósofo exorta aos que optam por essa alternativa

Todavia não podemos ficar quites com esta eternidade para toda a eternidade. Tampouco, sobretudo, rejeitá-la por uma vez. A cada instante em que estamos sem ela, é porque já a rejeitamos ou estamos a rejeitá-la – mas ela volta, isto é, em cada instante que desesperamos apanhamos o desespero. Isso porque o desespero não é uma consequência da discordância, mas da relação orientada sobre si mesma. Desta relação consigo própria, tampouco como do seu eu o homem não pode estar quite, o que não é, enfim, senão o mesmo fato, já que o eu é a relação voltada sobre si mesma.

Da maneira como o entende Kierkegaard, o desespero é um passo importante na construção de uma existência singular. Não se trata de depressão, de tristeza ou mesmo de conflitos entre uma pessoa e outra, ou entre um existente, na linguagem kierkegaardiana, e seus pares. O indivíduo é despertado para a necessidade de estabelecer ou restabelecer a sua síntese, relacionando adequadamente com Deus. É um processo doloroso e contínuo, que, ao final, propiciará a experiência de uma relação correta com o Criador e consigo mesmo.

Por essa razão, não é razoável a um cristão evitar o desespero ou procurar sufocá-lo recorrendo a caminhos de destruição do corpo mas que, ironicamente, não podem superar algo que é posto por Deus e, necessariamente, eleva o homem à eternidade. O desespero é “categoria do espírito” e a morte, (in)felizmente, não pode

cessá-lo, restando a cada indivíduo a coragem de tomar a mais importante decisão de sua vida.

2.4 A experiência religiosa de Kierkegaard e dos alunos cristãos na pós-modernidade

Coerentemente, Søren não era um escritor sistemático. Ao contrário, em sua obra há uma forte oposição a toda tentativa de sistematização filosófica ou teológica, principalmente, ao sistema hegeliano que, segundo ele, absorvia o indivíduo na coletividade, além de “prometer tudo, sem poder dar absolutamente nada” (Kierkegaard, 2013, p. 8). Portanto, qualquer aproximação ao pensamento existencialista kierkegaardiano deve ser feita tendo em vista que, para ele, “a verdade é a própria vida que a exprime: é a vida em ato” (Jolivet, 1961, p. 35). Entre a verdade objetiva (presente nos relatos históricos, nas formulações, nos testemunhos) e a verdade subjetiva (existencial), a fé deve assentar-se na segunda.

Kierkegaard propõe uma filosofia cristã cuja base seja a existência, a compreensão do indivíduo em sua subjetividade. Essa é uma característica marcante em seu pensamento. Jolivet (1961, p. 33) observa que “o existencialismo kierkegaardiano só tem uma origem, que é a realidade existencial de Søren Aabye Kierkegaard.” Nessa perspectiva, o cristão fica isento da carga de replicar a outros a sua fé, dado que o “estar em Cristo” é de cada um, conforme a sua existência.

A metodologia empregada será a análise comparativa entre o que os alunos acreditam ser o desespero e o seu papel na existência cristã e o pensamento de Søren Kierkegaard. Alvarenga (2012, p. 51) observa que “neste paradigma de investigação, se dá ênfase à experiência humana e seu significado”. Dessa forma, conhecer a vida do filósofo e o seu falar a respeito de sua religiosidade permitirá uma aproximação de como Kierkegaard percebia o cristianismo e, assim, promover o diálogo entre a sua experiência religiosa e a experiência religiosa dos alunos pesquisados.

Após conhecer a experiência de Kierkegaard, será preciso penetrar o significado do cristianismo experienciado pelos alunos. Para tanto, será necessário

conhecer o não dito, as ideias e os sentimentos reprimidos dos alunos envolvidos. É possível conhecer as coisas físicas por meio da descrição de suas qualidades objetivas, porém, esse tipo de análise não pode ser feita para de fato conhecer quem é o homem. Para compreendê-lo, é preciso ativar a consciência, manifestá-la na prática. E essa manifestação se dará pela prática do diálogo.

Num primeiro nível, o diálogo pode ser compreendido como diálogo consigo mesmo, internamente. Nesse caso, trata-se de introspecção. Essa seria uma percepção imediata dos próprios sentimentos, emoções, percepções e pensamentos, de modo a obter uma ampla visão da natureza humana. Ninguém pode conhecer melhor o homem do que ele próprio.

Porém, o diálogo também deve ser feito na interação com os outros, na convivência. Desse modo, o diálogo é uma ação, uma atividade, um modo de vida. A consciência é, assim, fruto do pensamento dialético que também pode ser revelador da verdade.

Assim, a intervenção apresentará o pensamento de Søren Kierkegaard, numa discussão com os alunos, tentando fazer um diálogo com a situação de cada um. Serão utilizados, além do material filosófico, músicas, poesias, filmes, recursos que facilitem a compreensão da teoria considerada, bem como a manifestação por parte dos alunos de seus pensamentos. Também por meio de produções textuais, os alunos serão convidados a escreverem sobre si, seus pensamentos, intenções, projetos, frustrações, seu desespero.

Por fim, após análise do que foi produzido pelos alunos à luz das categorias “desespero” e “angústia” e exposto aos participantes do projeto, num último momento, será proposta a criação de um espaço frequente de fala e compartilhamento de experiências no ambiente escolar.

3. A EXISTÊNCIA DE ALUNOS CRISTÃOS NA PÓS-MODERNIDADE

A tentativa de compreender a existência humana, para muitos, é uma atividade inexecutável. Diz-se que existir é dinâmico e, por isso, não suscetível a qualquer tipo de entendimento. Além disso, Nietzsche demonstrou que o conhecimento é sempre perspectivo e as perspectivas são incontáveis. Assim, a pretensão de entender algo dinâmico como a existência, a partir de qualquer ponto de vista, constitui-se uma atividade destinada ao fracasso. No entanto, ainda que não seja possível atingir um entendimento exaustivo, é factível compreender algum aspecto do existir humano e evidenciá-lo sob a luz de alguma perspectiva. Diante disso, neste capítulo, procuraremos compreender como os alunos cristãos efetivam sua fé na contemporaneidade, sobretudo, atentando para a forma como vivenciam o desespero em sua experiência religiosa.

Este capítulo tem como objetivo buscar um entendimento em linhas gerais de como os cristãos efetivam a sua religiosidade, marcadamente firmada em leis e princípios provenientes de Deus e registrados na Bíblia, tendo, portanto, valor universal e perene, em um mundo em que tudo muda o tempo todo. Nesse ambiente, os adeptos do cristianismo têm uma dupla e difícil tarefa: reproduzir a ética bíblica em suas escolhas e decisões e convencer os demais a abraçarem os mesmos ideais. Também será apresentada a análise kierkegaardiana a respeito desse assunto. O objetivo é propiciar ao professor que trabalha com esses adolescentes uma abordagem em sala de aula da filosofia de Søren Kierkegaard como uma via dentro do leque da multiforme visão cristã, possibilitando, assim, uma ampliação do repertório filosófico desses alunos, bem como mais autonomia existencial.

3.1 Valores imutáveis num mundo inconstante

O cristianismo não é um, são vários. Desde o seu início, movimentos com ênfase em um ou em outro aspecto dos ensinamentos de Jesus, primeiramente se completavam, depois, tornaram-se adversários. Na primeira carta endereçada à igreja de Corinto, um dos primeiros documentos da igreja cristã, o apóstolo Paulo denuncia esse comportamento faccioso, denominado por ele como “carnal”, em oposição ao

estado espiritual¹³. Essas divisões, refletidas nas doutrinas, nos rituais, nos usos e costumes de cada grupo, caracterizam ainda hoje a cristandade. No que se refere ao seu aspecto institucional, o cristianismo se efetiva entre dois extremos: ora realiza-se em ritos e cerimônias, que pretendem traduzir a transcendência da fé, ora revela-se na total falta de liturgia, na horizontalidade das relações, acentuando a imanência tornada possível na encarnação do Verbo. Entre os dois polos, uma manifestação multiforme da religião da Bíblia dificulta qualquer abordagem que pretenda tratá-la como um bloco homogêneo. Um aprofundamento sobre a natureza dessa religião não é objetivo deste trabalho. Há, entretanto, pontos comuns em todas as ramificações da árvore chamada Cristianismo, das quais destacam-se o catolicismo e o protestantismo.

Tanto para o catolicismo quanto para o protestantismo, a religião cristã é a única via efetiva de acesso a Deus. Essa convicção exige do fiel um compromisso duplo. Primeiro, ele precisa conduzir sua vida em conformidade com os dogmas, a ética, os rituais, os ensinamentos do cristianismo; e, um segundo compromisso é o de lançar-se à difícil missão de convencer aos seus semelhantes a assumirem essa mesma condição.

Essa dupla missão conduz a diversos conflitos, tanto internos quanto externos. O cristão tenta individualmente destacar-se ao praticar rigorosamente os preceitos cristãos, enquanto precisa convencer os seus semelhantes a adotarem os valores e a fé cristã. O problema é que as pessoas se apegam às suas convicções e as defendem com a mesma intensidade apaixonada que os súditos do cristianismo apresentam. O confronto, muitas vezes, é inevitável e um clima de hostilidade entre as partes tem-se tornado rotineiro. Bauman (2017, p. 52) captou essa dualidade entre polos opostos que, apegados emocionalmente às suas verdades, quase sempre não conseguem encontrar uma alternativa de convivência pacífica no dia adia, pois,

Ao andar sobre o fio da navalha, o preceito que divide/separa com intransigência “um e outro” é tão evidente quanto obrigatório, ao passo que a fórmula alternativa, “um e outro”, é proibida, juntamente com a quase inconcebível abstenção de fazer uma escolha entre duas doutrinas alternativas inequívocas e irrevogáveis. Sob tais circunstâncias, “ninguém

¹³ 1 Epístola aos Coríntios 3.4: “Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens?”

ouve ninguém. Qualquer informação que contradiga o que qualquer das partes esteja argumentando é ignorada. As pessoas não escutam umas às outras pois realmente não ouvem umas às outras. A informação que suporta suas crenças é emocionalmente significativa e é processada. Qualquer outra coisa – de preferência – é jogada fora”, sem que jamais se permita que ela entre.

O foco deste trabalho está na primeira exigência cristã: A necessidade de que os cristãos, sem exceção, assumam um estilo de vida inspirado em Jesus Cristo, o que é chamado de santificação. Trata-se, acima de tudo, de um comportamento baseado na ética bíblica, em que o fiel deve manifestar uma conduta irrepreensível, que evidencie a sua vocação e a sua “união mística”¹⁴ com Cristo. Dessa conduta, surge uma certeza inabalável de que se é contemplado por Deus, não apenas com benesses materiais, como também com “toda sorte de bênçãos espirituais” (Efésios 1.3), o que significa uma vida totalmente livre de crises emocionais, como a tristeza, a depressão, o desespero.

Nem todos os cristãos, porém, conseguem atender a contento as expectativas. Por causa do pecado¹⁵, é impossível cumprir satisfatoriamente a vontade de Deus, razão porque um número considerável de adeptos tem fracassado na caminhada cristã. Por estarem ligados por laços afetivos, essas pessoas afirmam continuar crendo nos fundamentos da fé cristã, mas não frequentam nenhuma igreja e não têm interesse em participar de nenhuma comunidade, sendo conhecidas como “desigrejadas”¹⁶. De acordo com o IBGE, em 2003, apenas 0,7% dos cristãos protestantes se diziam “não frequentadores de templos” (desigrejados). Em 2009, esse número já havia chegado a 2,9%. Infelizmente, não há dados específicos a respeito dos adolescentes cristãos, embora lideranças cristãs têm acusado um decréscimo significativo na quantidade de fiéis dessa faixa etária, bem como uma frouxidão quanto a observância às normas do cristianismo por parte dos que ainda mantêm vínculos com a comunidade.

¹⁴ Expressão comum na Teologia Protestante para designar o vínculo entre Jesus Cristo e cada um dos que abraçam a fé cristã.

¹⁵ Teologicamente, pecado é qualquer falta de conformidade com a Lei de Deus. O apóstolo João o define da seguinte forma: “*Todo aquele que pratica o pecado também transgride a lei, porque o pecado é a transgressão da lei*” (1 João 3.4).

¹⁶ Termo oriundo do inglês “un-churched”, para descrever o indivíduo que se declara cristão, mas que não frequenta um templo.

Essa crise de identidade, de acordo com Hall (2005, p. 7), é

parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Ancoragem é um dos objetivos pretendidos por qualquer pessoa que filia-se ao cristianismo. As verdades eternas, formalizadas nos dogmas e dramatizadas nos rituais e ritos, oferecem ao devoto um senso de responsabilidade, de pertencimento e de identidade, ao mesmo tempo em que propicia o favor divino. Acontece que o cristão não vive exclusivamente nos domínios de sua fé. Ele precisa interagir com outras pessoas no trabalho, na família, na rua e, especialmente, na escola. Nessa interação, valores são confrontados, verdades são negadas, propostas recusadas. Nesse convívio, a ancoragem perde seu ponto de apoio e o cristão se vê à deriva num mundo bem diferente do que ele idealizou. Essa crise tem sido apontada como a maior responsável pelo desencanto dos jovens pela religiosidade tradicional, bem como incontáveis casos de automutilação e o aumento de conversas sobre suicídio por esse público, numa tentativa de abafar a dor existencial pelo que consideram fracasso em sua experiência religiosa.

A automutilação pode resultar da necessidade de aliviar uma angústia que não cessa quando transmitida em palavras, mas também pode ser um meio de influenciar outras pessoas, chamar atenção, ou pertencer a um grupo. Para qualquer pessoa, se cortar, muitas vezes é a única forma encontrada para lidar e amenizar uma dor emocional intensa. Esse quadro se torna mais dramático quando se trata de adolescentes.

Tanto para o catolicismo quanto para o protestantismo, a religião cristã é a única via efetiva de acesso a Deus. Essa convicção exige do fiel um compromisso duplo. Primeiro, ele precisa conduzir sua vida em conformidade com os dogmas, a ética, os rituais, os ensinamentos do cristianismo; um segundo compromisso é o de lançar-se à difícil missão de convencer aos seus semelhantes a assumirem essa mesma condição. Contudo, como discutido anteriormente, o cristianismo não é a única, nem mesmo a melhor opção de vida para muitas pessoas, que encontram realização em diversas outras religiões, ou mesmo, em religião nenhuma. Figur (2016,

p. 181), observa que “o homem de nosso tempo busca definir e sistematizar o mundo e a si mesmo de forma objetiva”, o que implica, muitas vezes, o rompimento com sistemas que reivindicuem uma identidade fixa, permanente e homogênea. É o que defende Hall (2005, p. 13) que, ao descrever as características do homem pós-moderno, afirma que

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Pode-se perceber em tudo isso a razão da constante inquietude do estudante cristão, que tenta satisfazer plenamente as exigências de sua religiosidade, mas, ao mesmo tempo, precisa interagir com diversos amigos e amigas cujas perspectivas religiosas, comportamentais e éticas muitas vezes diferem radicalmente das suas. Pertencer a dois mundos, viver autenticamente em cada um deles e preservar sua integridade, eis o dilema enfrentado pelos alunos cristãos em nossas escolas.

A fé cristã fundamenta-se em verdades absolutas, universais e atemporais. Para ela, o certo é certo sempre foi e será certo, sem variação, pois sua base é a vontade de Deus, cujo registro é a Bíblia. Na pós-modernidade, entretanto, acontecem mudanças muito fortes no modo de vida do ser humano, que afetam profundamente não só o modo de vida, mas a própria compreensão de ser humano, suas relações e – o que aqui nos interessa – o lugar e importância da religião em sua vida.

O prefixo “pós” de pós-modernidade aponta para o fato de que vivemos em uma sociedade que vem “depois” do mundo moderno. Em termos linguísticos, isto é um absurdo; tudo que é atual é, por definição, moderno. Há um sentido em que “dizer que somos pós-modernos nos dá um pouco de impressão de que deixamos de ser contemporâneos de nós mesmos” (ROUANET, 1989, p. 229). Entretanto, o termo “moderno” está sendo usado em um sentido diferente. Harvey (2014, p. 23) pontua que o projeto da modernidade “equivale a um extraordinário esforço intelectual dos

pensadores iluministas para desenvolver a ciência objetiva, a moralidade e a lei universais e a arte autônoma nos termos da própria lógica interna destas”. A realização desse projeto implicaria o deslocamento do ponto de apoio da humanidade, deixando de ancorar sua existência na(s) religião(ões) e fundamentando toda a civilização no alicerce sólido da racionalidade. Mesmo que sobre outra base, o ser humano da modernidade ainda poderia conduzir o seu projeto existencial firmado em alguma certeza, em noções de certo ou errado, em escolhas que, por mais difíceis que fossem, oscilava sobre opções conhecidas, estáveis. O Iluminismo gerou uma fé otimista no progresso. Livres da decepção e opressão da religião, as pessoas teriam liberdade de pensamento e prosperidade sob a luz do racionalismo. Esta era visão do período moderno que, não resta dúvida, ficou fora de moda. O pós-modernismo representa uma ruptura com esse projeto.

Apesar da diversidade de descrições a respeito do que aqui é chamado de pós-modernidade, Rouanet (1989, p. 234) observa que há uma característica comum a todas elas. Segundo ele, no pós-modernismo

o social como um fervilhar incontrolável de multiplicidades e particularismos, pouco importando se alguns veem nisso um fenômeno negativo, produto de uma tecnociência que programa os homens para serem átomos, um fenômeno positivo, sintoma de uma sociedade rebelde a todas as totalizações – ou o terrorismo do conceito, ou o da polícia.

Não há mais alicerces, não mais há mais certo ou errado, não há como sequer encontrar uma verdade que se chama pós-modernidade. Maffesoli (2004, p. 20) lembra que

não existem começos nem fins abruptos. Quando os diversos elementos que compõem uma determinada entidade já não podem, por desgaste, incompatibilidade, fadiga etc, permanecer juntos, eles entram de diversas maneiras numa outra composição e, desse modo, favorecem o nascimento de uma outra entidade. Foi isso que, antes que encontrássemos um nome adequado, presidiu a elaboração da pós-modernidade. Saturação-recomposição.

Nesse cenário, faz-se extremamente desafiador a qualquer pessoa, sobretudo, a um adolescente, manter-se apegado a verdades atemporais e, portanto, imutáveis, cujos valores há muito são contestados e rejeitados pelos seus contemporâneos. Não por acaso, as palavras mais usadas pelos alunos cristãos são desespero e angústia, embora, quando indagados, não consigam verbalizar o que querem dizer exatamente ao invocarem esses termos para descrever seu estado emocional. Esse é um problema inerente à religião, que se vê competente para

determinar a forma superior de existir. Crespi (1999, p. 20) enxergou esse ponto e o denunciou ao afirmar, sobre a religião, que

Obviamente, a pretensão de determinar de maneira certa o sentido da existência, em última análise, não consegue realizar inteiramente a sua função tranquilizadora e confortadora, na medida em que a angústia da mesma existência não pode ser facilmente afastada. A acentuação de tal função, todavia, compromete a própria capacidade de elaborar a experiência existencial nas dimensões que lhe são próprias. Cria-se, assim, uma espécie de situação esquizógena, na medida em que aquilo que se *sente* é, de fato, o contrário daquilo que é afirmado a nível *cognitivo*. Assim, em lugar de *mediar* a experiência, a representação absolutizada a nega, colocando em primeiro plano, com relação à vivência, a dimensão da *vontade* e do *dever ser*.

Dessa forma, a religião cristã, que pretende mediar uma experiência de completude e superação, acaba, muitas vezes, intensificando sentimentos contrários, deixando os seus adeptos numa bifurcação existencial ingrata: Seguir o caminho do triunfo sobre todas as vicissitudes humanas ou admitir a frustração de experimentar, como todas as outras pessoas, o desespero, o medo, a incompletude. Esse é um fato interessante, pois, crise, angústia e, particularmente, desespero são termos evitados no cristianismo. Quando mencionados, aparecem em discursos triunfalistas que proclamam a vitória sobre esses sentimentos pelo exercício dos meios de graça¹⁷. Um levantamento rápido no discurso religioso protestante das últimas duas décadas revela que, embora se admita a possibilidade de um cristão sofrer crises de desespero ou angústia, “todos os crentes que afundaram na depressão acabaram superando o problema e desfrutando de uma nova e duradoura alegria” (Collins, 2004, p. 123).

Pérsio Ribeiro Gomes de Deus, em “Um estudo sobre a depressão em pastores protestantes” (2009, p. 191), pondera que

A relação entre sentimento religioso e depressão permaneceu basicamente inalterada ao longo da história do homem. Nessa relação, existe uma causalidade entre depressão e divindades, demônios, pecado ou falta de fé. Essas associações estão tão profundamente arraigadas no homem que ainda o influenciam.

A atribuição do sentimento de desespero e de angústia, causadores da depressão, a “obras de divindades, demônios, pecados ou falta de fé” tem acarretado prejuízos aos praticantes do cristianismo vitimados por esses sentimentos, em

¹⁷ Em Teologia, os “meios de’graça” são recursos visíveis e comuns pelos quais Deus comunica bênçãos ao Seu povo, tais como a oração, a leitura da Bíblia, os sacramentos, a comunhão.

especial, a adolescentes e jovens que, consumidos por culpa ou vergonha, reprimem a sua dor até o limite do insustentável. Porém, quando não conseguem mais suportá-la, recorrem ao *cutting* (automutilação) ou ao suicídio, evitando admitir a sua situação, o que, em seu contexto, sinalizaria fracasso.

É nesse ponto que a filosofia de Søren Kierkegaard pode contribuir ao problematizar essas categorias sob uma nova luz, permitindo aos alunos cristãos uma análise por um prisma diferente de temas importantes para a sua identidade religiosa.

3.2 A discussão do desespero à luz da Filosofia de Kierkegaard

Ao apresentar para alunos cristãos a abordagem do filósofo dinamarquês ao conceito e ao papel do desespero na experiência religiosa, pretende-se, como é objetivo do ensino de Filosofia, levar a pergunta para a sala de aula. A pergunta sobre um aspecto tão vital e constituinte do ser humano, como a religião, a nosso ver, justifica-se como processo reflexivo e crítico sobre o ser no mundo. A pergunta é instrumento de emancipação humana, ainda mais, quando ela toca o intocável, como os dogmas, as certezas, as convicções. Aranha e Martins (2009, p. 6), ao destacarem a relevância da diversidade e da pluralidade de opiniões no ensino da Filosofia, observam que

Não se trata de doutrinar os alunos, de “encaminhá-los na direção certa”, de “guiá-los como um farol” para que “não se extraviem”. A sala de aula deve ser um espaço de discussão de valores, de clarificação de conceitos, de exposição plural das ideias, justamente porque a intenção não é transmitir convicções, mas dar oportunidade para que os educandos desenvolvam as competências necessárias para o seu pensar autônomo.

A pergunta, portanto, aponta para a possibilidade existir uma via, em que seja possível ao sujeito desta pesquisa (aluno-adolescente-cristão) coabitar plenamente os dois mundos, eliminando, ou diminuindo consideravelmente, a tensão existente entre as duas “cidades”¹⁸, manifestada, singularmente, no desespero.

¹⁸ Alusão à maneira como Santo Agostinho refere-se à Igreja (Cidade de Deus) e ao mundo (Cidade dos homens).

Kierkegaard (1813-1855) nasceu em Copenhague, Dinamarca, sendo o sétimo filho de um próspero negociante luterano. Teve, por parte do pai, uma criação rígida, sem poder desfrutar dos momentos de lazer próprios da infância, mas tendo que se dedicar aos estudos e, com ainda mais vigor, à sua religião. A tragédia também marcou a existência do filósofo, pois, de uma família de nove membros, apenas ele, o pai, Michael, e o irmão, Peter, sobreviveram. Dificilmente, alguém passaria incólume por experiências dessa natureza. Backhouse (2019, p. 34), um de seus biógrafos, registra a forma como um dos colegas de Søren lembra do período em que frequentaram a mesma escola

[...] Como explicar o modo como os outros garotos, instintivamente, mantinham-se afastados do rapaz, e ele também seguia o seu próprio caminho, quase contido, e nunca falava de sua casa? *Fremmed*. Era isso. “Estrangeiro”. Søren era um estrangeiro, um refugiado. Ele atravessou o seu mundo como um estrangeiro exilado em uma terra estranha. Para o resto de nós, que conhecia e vivia uma vida mais genuinamente infantil, S. K. era estrangeiro e digno de pena. [...] Na maioria de seus contatos conosco, ele se mostrava tão estranho aos nossos interesses que rapidamente interrompíamos o contato com ele, que muitas vezes demonstrava uma atitude superior e provocadora, o que deixava claro que ele sempre foi uma fonte do inesperado.

Isso talvez explique o porquê de, na sua juventude, Kierkegaard ter-se lançado a uma vida social extravagante, tornando-se assíduo frequentador dos cafés, dos teatros e de todas as rodas culturais que a pequena, mas agitada, Copenhague oferecia.

No entanto, por mais que seja empolgante a vida de Kierkegaard, interessamos a relação que ele faz entre a fé e a verdade. Ressalte-se que, Søren não era um escritor sistemático. Ao contrário, em sua obra há uma forte rejeição a toda tentativa de sistematização filosófica ou teológica, sobretudo, ao sistema hegeliano que, segundo o autor, absorvia o indivíduo na coletividade, além de “prometer tudo, sem poder dar absolutamente nada” (Kierkegaard, 2013, p. 8). Portanto, qualquer aproximação ao pensamento kierkegaardiano deve ser feita tendo em vista que, para ele, “a verdade é a própria vida que a exprime: é a vida em ato” (Jolivet, 1961, p. 35). Assim, de antemão, deve-se destacar que, para ele, entre a verdade objetiva (presente nos relatos históricos, nas formulações, nos testemunhos) e a verdade subjetiva (existencial), a fé deve assentar-se na segunda.

A opção do dinamarquês pela subjetividade tem levado a uma rejeição de seu pensamento por parte dos protestantes históricos, contudo, como observou Figur (2016, p. 186)

“Kierkegaard não pretende desestabilizar a fé nem a doutrina do cristianismo. O que ele pretende é demonstrar que, no fundo, a fé não precisa de razões ou documentação cientificamente comprovada para que seja autêntica. Segundo ele, caso a fé, de fato, necessitasse de comprovação objetiva histórica e dogmática, o indivíduo viveria em desespero.

Kierkegaard propõe uma filosofia cristã cuja base seja a existência, a compreensão do indivíduo em sua subjetividade. Essa é uma característica marcante em seu pensamento. Jolivet (1961, p. 33) observa que “o existencialismo kierkegaardiano só tem uma origem, que é a realidade existencial de Søren Aabye Kierkegaard.” Nessa perspectiva, o cristão fica isento da carga de replicar em si e nos outros um ideal de fé, um padrão único ao qual todos os seguidores do cristianismo devem se adequar, pois, o “estar em Cristo” é de cada um, conforme a sua existência.

Assim, o cristianismo não deve basear-se no conhecimento objetivo, pois, ainda que alguém conseguisse efetivamente apontar erros, contradições e inconsistências da Bíblia, pondo em xeque sua infalibilidade, para o cristão verdadeiro isso não faria a menor diferença. “O cristianismo é espírito; espírito é interioridade; interioridade é subjetividade; subjetividade é essencialmente paixão e, em seu máximo, uma paixão infinita e pessoalmente interessada na felicidade eterna.” (Kierkegaard, 2013, p. 10). A fé não precisa de dados históricos, nem de argumentos, embora não os despreze. Ser cristão, como tudo o mais, é existir, e existir é vivenciar a angústia, companheira inseparável da fé, pois, “aquele que é formado pela angústia é formado pela possibilidade, e só quem é formado pela possibilidade está formado de acordo com sua infinitude” (Kierkegaard, 2013, p. 162).

Angústia, para ele, é a “realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade”, ou seja, o homem em seu estado de inocência tem diante de si a liberdade para escolher o que quiser entre dois extremos: abandonar ou voltar-se para Deus. Por causa da angústia, o homem conhece o pecado, mas é por ela que ele chega à fé. Angústia, portanto, é a inquietação diante de Deus, diante da possibilidade de escolher qualquer coisa, inclusive Deus, e assumir essa escolha como sua, como o que dará sentido a sua existência. E irá fazer isso do seu jeito, de acordo com sua relação singular com Deus, não precisando se submeter a priori a um código de

conduta ou a uma legislação impessoal, formulada a partir das experiências singulares de outras pessoas

Por isso, o danês defende que a fé não precisa ser imposta, transmitida, defendida ou imposta. Ela não pode ser comunicada de sujeito para sujeito. Ela manifesta-se existencialmente no indivíduo angustiado, independentemente de informações históricas, de arrazoados, de apelos. É vivenciada por cada indivíduo pessoalmente que, ao assumi-la, constrói o seu cristianismo. Em resumo, em Kierkegaard, “a subjetividade torna-se o critério e a verdade da objetividade” (Jolivet, 1961, p. 37).

Portanto, cabe a cada um vivenciar a experiência cristã, sem o ônus de transmiti-la por imposição ou convencimento. O “ide, fazei discípulos”, para ele, diz respeito, sobretudo, ao comprometimento pessoal com uma verdade pela qual se queira viver e morrer, se necessário. Nas palavras do filósofo (Kierkegaard, 2013, p. 347):

A gente diz: Não, não é qualquer aceitação da doutrina cristã que faz de alguém um cristão. O que é especialmente importante é a apropriação, que a gente se aproprie e mantenha firme esta doutrina de um modo totalmente diferente do que de qualquer outra coisa, que se queira viver e morrer nela, que se queira arriscar a vida por ela etc.

Søren Aabye Kierkegaard foi um ferrenho opositor da igreja oficial de seus dias por considerá-la burocrática, formal, excessivamente fria. Backhouse (2019, p. 160) observa que a luta de Kierkegaard era para que “o Indivíduo Singular saísse da multidão e se pusesse diante de Jesus sem ter de se esconder atrás das distrações da chamada civilização cristã.”

Cristianismo, para Kierkegaard, é existência. E existir como cristão é a melhor pregação a que um fiel deve almejar.

4. KIERKEGAARD DIALOGA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO SOBRE O DESESPERO

Neste capítulo, será apresentada a metodologia da intervenção realizada por meios virtuais (devido à suspensão das aulas presenciais) uma caracterização dos alunos e do Centro de Educação Profissional em Saúde Tancredo Neves (CEEPs), bem como uma discussão geral introdutória do problema discutido por esta dissertação.

4.1 O PROBLEMA GERAL

Em seu nível mais básico, suicídio é o ato voluntário e intencional de matar a si mesmo. Etimologicamente, a palavra vem de dois termos do latim, *sui*, que significa “próprio”, e *caedere*, “matar” (cf. BEVINGTON, 2004, p. 9). Independente de quão ampla ou longa seja a definição que damos, o suicídio é o desejo e o ato de assassinato próprio.

Dados divulgados pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2018, revelam que cerca de 800.000 pessoas em todo o mundo se suicidam por ano, sendo uma a cada 40 segundos¹⁹. Ainda de acordo com a OMS, é a segunda causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos. No Brasil, o Ministério da Saúde divulgou, em 2018, o primeiro boletim epidemiológico sobre suicídio com dados preocupantes: Cerca de 11.000 pessoas morrem por suicídio todos os anos no país²⁰. A incidência desse ato entre a população brasileira é de 5,5 para cada grupo de 100.000 habitantes. Entre jovens, é a quarta causa de morte na faixa etária dos 15 aos 29 anos de idade.

Deve-se ressaltar que esses números não são precisos. Especialistas entendem que há uma considerável subnotificação das ocorrências, decorrente de questões religiosas, tabus, seguros de vida, entre outras. Apesar disso, os números pintam um quadro inquietante e que não pode ser ignorado pela sociedade.

¹⁹www.news.un.org, acesso em 8 de abril de 2019, às 22h45.

²⁰www.portalms.saude.gov.br, acesso em 8 de abril de 2019, às 23h35.

As causas e circunstâncias do suicídio são frequentemente complexas, como observa Bevington:

O suicídio traz à tona emoções, respostas e reações naqueles que são afetados pela morte. Palavras frequentemente associadas a ele incluem: raiva, desânimo, falta de esperança, desamparo, falta de valor, depressão, medo, tragédia, mistério, vergonha, vingança, protesto, ressentimento, alívio da dor, busca por soluções, um grito por ajuda, um legado destruído, perguntas não respondidas, sonhos não realizados, erros, desespero, amargura, lágrimas e arrependimentos. O suicídio *sempre* afeta muitas pessoas. Apesar da ilusão de que é um ato solitário, na realidade ele traz consequências duradoras para muitos.²¹

Como se vê, há muitas circunstâncias e eventos que podem servir de catalisadores para o suicídio, tornando-o um ato por demais complexo. Por essa razão, o tema é merecedor de atenção por parte das mais diferentes áreas, como a Psicologia, a Medicina, a Religião, a Sociologia e, claro, a Filosofia.

Embora menos grave que o suicídio, a automutilação também tem despertado o interesse de pesquisadores das mais diferentes áreas. Num trabalho apresentado ao Senado Federal, Aragão Neto (2017) salienta as diferenças entre a prática do *cutting* (automutilação) e tentativa de suicídio. Para o autor, enquanto na primeira a intenção é conseguir alívio, a segunda visa à autodestruição. Aragão Neto ainda aponta o fato de que a automutilação e o comportamento suicida não são dissociados.

Segundo a definição dos Descritores em Ciências da Saúde²² (Biblioteca Virtual em Saúde, 2015), automutilação é o “ato de lesar o próprio corpo, até o ponto de cortar ou destruir permanentemente um membro ou outra parte essencial do corpo.” Embora possa ocorrer em qualquer idade e com pessoas dos mais diferentes contextos, é mais comum que essas agressões aconteçam com adolescentes, entre os 13 e 17 anos, fase em que a maioria está cursando o Ensino Médio. Para Santos et. al (2017, p. 2):

A automutilação é um comportamento frequentemente encontrado em indivíduos no período da adolescência, que consiste em cortes superficiais na pele geralmente feito com lâminas. A prática tem despertado cada vez mais o interesse de pesquisadores, professores e profissionais da saúde por

²¹BEVINGTON, Linda, et al. **Perguntas básicas sobre suicídio e eutanásia**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

²² <http://decs.bvs.br/cgi-bin/wxis1660.exe/decserver/>, acesso em 19/10/19, às 21h.

muitas vezes um ato inconsciente de escarificar a pele resultar em um suicídio não intencional.

Ainda segundo os autores, a automutilação pode resultar da necessidade de “aliviar uma angústia que não cessa quando transmitida em palavras, mas também pode ser um meio de influenciar outras pessoas, chamar atenção, ou pertencer a um grupo”. Para qualquer pessoa, se cortar, muitas vezes é a única forma encontrada para lidar e amenizar uma dor emocional intensa que pode apontar para quadros de depressão, ansiedade ou sofrimento por uma situação de violência recorrente. Esse quadro se torna mais dramático quando se trata de adolescentes.

Araújo et. al (2016, p. 497) destaca que em diversas culturas, tanto primitivas quanto modernas, as pessoas usam o corpo para algum tipo de comunicação. “Além dos adornos usados no corpo com o objetivo de comunicar identidade, status, fé etc., também verificamos ao longo da história as marcas corporais derivadas de lesões autoinfligidas”.

4.2 SUJEITOS DA PESQUISA

A motivação para este trabalho decorre de experiências efetivadas durante as aulas e de conversas com alunos, professores e corpo diretivo da instituição. Nos últimos anos, a escola foi abalada pelo suicídio de dois alunos, sendo ambos da faixa etária entre 17 e 25 anos. Em ambos os casos, os alunos eram pertencentes a famílias de baixa classe média e de orientação religiosa cristã. Além desses dois casos extremos, na escola predominam ocorrências de automutilação, bem como declarações de discentes no sentido de pensarem no ou desejarem o suicídio. Todos esses casos chegam ao conhecimento de professores e da equipe gestora, deixando-os perplexos e com a angustiante sensação de inabilidade para lidar com essa temática tão delicada, sobretudo, num espaço vivo, alegre, barulhento, como o da escola.

De acordo com o perfil geral socioeconômico do corpo discente do CEEPs, constando no Projeto Político Pedagógico da Escola, a ampla maioria dos alunos é de baixa classe média e de orientação religiosa cristã, protestante ou católica. Por essa razão, trabalhamos com um grupo pequeno, porém, representativo desse padrão,

contando com quatro alunos – dois protestantes e dois católicos – que, em algumas ocasiões nos procuraram para conversas sobre crises enfrentadas por eles decorrentes de conflitos internos e externos, frutos da difícil arte de ser cristão numa sociedade não cristã. Ressalte-se que as reclamações relatadas por esses alunos dizem respeito à convivência deles com a família, com familiares e amigos de fora da escola.

No envolvimento diário com alunos dessa escola e em conversas rotineiras com a coordenação e com outros professores, percebemos uma ocorrência significativa de alunos cristãos praticando o *cutting* e falando abertamente do suicídio como uma alternativa legítima para se livrarem das dores do mundo, uma vez que não conseguem viver à altura da expectativa exigida por sua religião. Por não encontrarem espaço para discutir suas questões existenciais, seus dilemas e suas crises em seu universo religioso, resta a eles a fuga pela via mais dolorosa.

Nesse ponto, mais uma vez reforçamos, a filosofia de um cristão como Kierkegaard que discute profundamente essa temática sob uma ótica diferente da que os alunos estão acostumados a

4.3 O LOCAL DA PESQUISA

O CEEPS é uma escola de porte especial, pertencente ao Sistema Estadual de Ensino da Bahia, mantida pelo Governo estadual. Destaca-se pela oferta de cursos no eixo tecnológico Ambiente e Saúde, que atrai um público de adolescentes, jovens e adultos de todos os municípios do Território Norte do Itapicuru, bem como de alguns municípios do Território do Sisal (Itiúba e Monte Santo). Também oferece cursos no eixo Gestão e Negócios. No total, a escola, funcionando nos três turnos, conta com um público de 1.230 alunos, 68 professores e 22 funcionários técnico-administrativos.

Não há um levantamento estatístico preciso para determinar as religiões mais praticadas pelos alunos, embora haja núcleos não oficiais formados por alunos de vertente protestante e católica, grupos que declaram ser de religiões de matriz africana e, em número bem reduzido, docentes que assumem não praticar nenhum

tipo de religião. A partir da observação, podemos afirmar que a religião predominante entre os alunos é a cristã, em suas manifestações protestante e católica. A escolha por realizar essa intervenção com esses alunos se justifica por eu ser também um cristão e ter relativa familiaridade com o contexto cultural desse grupo. Além disso, mais dois fatores explicam essa opção: A proximidade que tenho com esses alunos e o fato de que os dois alunos mencionados acima serem de famílias também cristãs.

É, pois, a partir de nossa experiência como docente nessa instituição, acompanhando esse drama vivenciado por dezenas de alunos, bem como de colegas educadores, envolvendo situações de suicídio (ou de tentativas) e de automutilações entre alunos cristãos (católicos e protestantes), que surgiu a inquietação de trabalhar essa temática, possibilitando uma abordagem dialógica construtiva no espaço da sala de aula de filosofia.

4.4 O PLANEJAMENTO

Para a consecução do objetivo deste trabalho, será necessário conhecer tanto o manifesto quanto o não dito, as ideias e os sentimentos reprimidos dos alunos envolvidos. É possível conhecer as coisas físicas por meio da descrição de suas qualidades objetivas, porém, esse tipo de análise não pode ser feito para de fato conhecer quem é o homem. Para compreendê-lo, é preciso ativar a consciência, manifestá-la na prática. E essa manifestação se dará, primordialmente, pela prática do diálogo.

Num primeiro nível, o diálogo pode ser compreendido como diálogo consigo mesmo, internamente. Nesse caso, trata-se de introspecção. Essa seria uma percepção imediata dos próprios sentimentos, emoções, percepções e pensamentos, de modo a obter uma ampla visão da natureza humana. Ninguém pode conhecer melhor o homem do que ele próprio. Entretanto, o diálogo também deve ser feito na interação com os outros, na convivência. Desse modo, o diálogo é uma ação, uma atividade, um modo de vida. A consciência é, assim, fruto do pensamento dialético que também pode ser revelador da verdade.

A intervenção foi pensada de modo a compreender como os alunos, objetos do estudo, vivenciam as crises da pós-modernidade, em que os valores cristãos assumidos e defendidos por eles são criticados, rejeitados, ressignificados ou simplesmente desprezados em seu contexto escolar. Manter-se, pois, apegados a padrões de comportamento numa sociedade em que esses mesmos padrões e valores são contraditados o tempo todo produz uma tensão geradora de ansiedades, que desafia os adolescentes e jovens cristãos a encontrar um chão em se que firmar. Além disso, ao enfrentarem os dramas comuns à sua geração, sobretudo, numa “sociedade líquida” como a atual, esses meninos são submetidos ao julgamento de seus pares da igreja a partir de critérios morais que não são os que eles vivenciam no dia a dia escolar. Ocorre, então, o seguinte quadro: Na igreja, não se admite que eles tenham crises existenciais, pois a origem delas, segundo o pensamento cristão majoritário, está relacionada a “divindades, demônios, pecado ou falta de fé”; na escola, não conseguem estabelecer um diálogo em bases iguais, pois os valores e comportamentos dos colegas baseiam-se em critérios diferentes dos que os cristãos professam. É um desespero silencioso, cujo resultado tem sido catastrófico para alguns.

Os alunos conhecerão o pensamento de Kierkegaard, porém, terão espaço para falarem e escreverem sobre como se sentem a respeito de suas crises e, o que mais nos importa, se conhecer a filosofia do pensador dinamarquês representou algum ganho no repertório existencial de cada um deles. Para isso, a intervenção ocorrerá em oito momentos (aulas) e envolverá quatro alunos de confissão cristã, católicos e protestantes.

Na primeira aula, será exibido um trecho do filme “Orações para Bobby” (2009). O filme retrata a história de uma mãe, Mary, religiosa que tenta seguir à risca todas as palavras da Bíblia. Quando seu filho Bobby revela ser gay, ela imediatamente o leva o filho para terapias e cultos religiosos com o intuito de “curá-lo”. Este é um filme baseado na história verídica de um jovem homossexual, que aos 20 anos suicida-se. Depois disso, em tom de conversa informal, debater-se-á a história relacionando-a, se possível, com alguma situação vivida ou conhecida por eles. Essa situação não precisa envolver exclusivamente o aspecto da sexualidade, mas,

sobretudo, circunstâncias de dúvidas, de instantes em que os alunos desejaram seguir caminhos diferentes dos propostos por sua fé.

A segunda aula será dividida em dois momentos: Num primeiro momento, os alunos falarão livremente o que pensam sobre desespero, tristeza, escolhas e ansiedade; em seguida, será apresentado o pensamento de Søren Kierkegaard acerca desses conceitos.

Nas terceira e quarta aulas, usar-se-á o pensamento de Søren Kierkegaard, exposto e discutido com os alunos, tentando fazer um diálogo com a situação de cada um. Serão utilizados, além do material filosófico, músicas (Pais e filhos - Legião Urbana; Eu não sei na verdade quem eu sou – Teatro Mágico), poesia (Sou composta por urgências – Clarice Lispector), recursos que facilitem a compreensão da teoria considerada, bem como a manifestação por parte dos alunos de seus pensamentos e sentimentos.

Nas quinta e sexta aulas, por meio de produções textuais, os alunos serão convidados a escreverem sobre si, seus pensamentos, intenções, projetos, frustrações. A orientação será para que procurem relacionar o que sentem no dia a dia com o pensamento kierkegaardiano e, se possível, analisarem a diferença entre a cosmovisão que aprenderam nas igrejas e a do filósofo dinamarquês.

Na sétima aula, a análise do que foi produzido pelos alunos à luz das categorias “desespero” e “indivíduo”, será exposta aos alunos participantes, procurando deixar bem evidente as diferenças de interpretações de suas histórias no Cristianismo tradicional e na proposta kierkegaardiana. Além disso, será apresentada à escola a proposta de criação de um espaço frequente de fala e compartilhamento de experiências para todos os jovens cristãos e não cristãos que desejarem participar.

A última aula será dedicada a uma conversa entre os participantes, alguns professores, coordenadora, diretora e um psicólogo que ajudará na avaliação final do projeto, bem como nas implicações para o dia a dia dos alunos.

4.5 A AÇÃO

Ao longo de todo o ano de 2019, tanto em conversas com a coordenação quanto com os próprios alunos, aproveitei todas as oportunidades para colher o máximo de informações possível acerca das crises ocorridas no espaço escolar. Embora os conteúdos programados para as séries em que os alunos focos da pesquisa não privilegiassem a filosofia de Kierkegaard, em vários momentos conduzi a discussão em sala de aula para suas ideias, enquanto o planejamento para 2020 incluía uma discussão maior acerca do filósofo, bem como os momentos de intervenção.

Em março de 2020, as aulas foram suspensas, permanecendo assim até o fim do prazo desta pesquisa. Não houve possibilidade de encontros presenciais, o que inviabilizou o cumprimento à risca do que havia sido planejado no projeto de intervenção. Tive de recorrer, com muitas dificuldades, aos meios virtuais. Dois alunos moram em zona rural, onde o sinal da internet é precário e um terceiro passou a quarentena na companhia do pai, em uma cidade distante cerca de 200 km de Senhor do Bonfim, ficando boa parte desse tempo incomunicável, pelo menos comigo.

Felizmente, com a ajuda de outros professores, foi possível realizar dois encontros, via Google Meet, em que todos os quatro alunos participaram. Depois disso, via WhatsApp foram encaminhadas para eles perguntas a respeito do que discutimos nos encontros virtuais, tornando-se, assim, possível finalizar a intervenção.

Etapa 1: No primeiro encontro virtual, conduzi a conversa com os quatro alunos de maneira bem informal até o ponto em que alguém lembrou do suicídio de um dos ex-alunos da escola. Pedi a eles que comentassem o fato de o aluno ser cristão e, ainda assim, optar por uma via tão radical no enfrentamento de sua crise. Todos opinaram sobre o fato, afirmando que, para alguns tipos de situação não era possível encontrar uma resposta satisfatória na experiência religiosa e que, algumas vezes, o desespero é maior do que a esperança.

Etapa 2: Enviei para os contatos do WhatsApp de cada um, as mesmas perguntas: **1.** Escreva livremente o que você pensa sobre os seguintes conceitos: a)

desespero; b) escolhas; c) angústia. **2.** Você acha que a religião deveria tratar desses temas com adolescentes e jovens? **3.** Sua fé alguma vez provocou em você algum grau de ansiedade? Você já teve de lidar com algum tipo de conflito por causa de sua religião (você quis fazer algo, mas não pôde por ser religioso)? **4.** Você acha que a igreja impõe muitas regras? Seria possível ser religioso sem necessariamente observar todas as regras de sua igreja?

Etapa 3: Após receber as respostas, fiz a tabulação dos resultados, conforme o quadro abaixo²³:

	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4
Pergunta 1	<p>a) desespero: Quando você vê tudo dando errado em sua vida, daí vem o desespero.</p> <p>b) escolhas: fazem parte da vida, precisamos fazer escolhas sempre, até o final dos nossos dias</p> <p>c) angústia: Uma dor insuportável no peito, como se o coração fosse parar, essa dor vem muitas vezes por decepções, erros, más escolhas</p>	Não respondeu.	<p>a) desespero: associo a falta de paciência junto com a ansiedade. É algo muito comum neste momento, tendo em vista a impaciência pela espera de uma vacina e a ansiedade pela forma como será a vida depois deste "novo normal".</p> <p>b) escolhas: são cruciais, e nessa fase de juventude/adolescência são muito difíceis de serem tomadas. Estamos lidando com alguns problemas já da vida adulta, e como - a grosso modo - fala o livro de Provérbios; o jovem é tolo e imaturo e precisa buscar sabedoria. Além disso, com a influência da corrente filosófica pós-estruturalista, acredito que as escolhas dos jovens estão sendo cada vez piores, a começar pela desobediência aos pais e autoridades numa tentativa de emancipação de sua "vida pessoal", mas ao mesmo tempo, um carência afetiva e de</p>	Não respondeu.

²³Optei por transcrever com exatidão os textos produzidos pelos alunos.

			<p>atenção cada vez maior.</p> <p>c) angústia: é um sentimento próprio do ser humano, é difícil de ser lidado, têm diversos fatores e muitos jovens, atualmente, demonstram ter um pouco.</p>	
Pergunta 2	Sim, urgentemente.	Sim.	<p>Acredito que sim! Ainda mais a fé cristã, a qual professo, traz esses temas em diversas passagens bíblicas e com diferentes contextos. Eu percebo que esses temas são trabalhados com adultos, mas em EBD^{24s}, às vezes esses assuntos não são tão trabalhados quanto "buscar ser um jovem santo", "não seja influenciável".</p>	Não respondeu.
Pergunta 3	<p>Hoje posso dizer abertamente que, todos os problemas mentais que tenho hoje, foram devidos a rigidez da minha religião, então eu me afastei porque a sensação era de está presa em uma gaiola ou prisão injustamente (não pedi para ser cristã, meus pais impuseram isso desde que nasci).</p>	Não respondeu.	<p>Sim e não. Já provocou, mas não teve relação total com ela.</p>	Não respondeu.
4 Pergunta	Sim, e impossíveis de serem praticadas; por muitos anos	Não respondeu.	<p>Nunca me foram ditas "regras" como por exemplo, livros com doutrinas, mas sempre vi nos cultos de ensino</p>	Não respondeu.

²⁴ Escola Bíblica Dominical (EBD), reunião, como o próprio nome indica, aos domingos, em que as pessoas são divididas em classes (homens, mulheres, jovens, adolescentes e crianças) e estudam temas relacionados à fé cristã.

	<p>tentei seguir as normas da igreja e me frustrava comigo mesma por não conseguir. Hoje estou tentando levar a vida de forma mais leve sem me cobrar tanto (estou em processo de cura, não é fácil).</p>		<p>da Palavra, algo como conselhos. Acredito que seria possível não cumprir uma regra da igreja, mas algo que está na Bíblia (algo que convenha segundo a hermenêutica), não! A igreja de forma geral, busca embasamento bíblico, mas não podemos negar que existe o "espírito do seu tempo" presente em costumes e tradições de cada denominação. Se for algo que eu não queira me sujeitar e cause escândalo, é mais conveniente não frequentar mais a mesma igreja, porque entendo que apesar de tudo, deve haver um sujeitamento às autoridades.</p>	
--	---	--	--	--

Etapa 4: No segundo encontro virtual (via Google Meet), o pensamento de Søren Kierkegaard foi exposto, com o auxílio de slides, numa aula expositiva dialogada. De maneira simples, levando em consideração o fato de que os alunos têm apenas uma aula de filosofia de cinquenta minutos por semana. Além disso, nenhum deles estudou essa disciplina no ensino fundamental. Com tudo isso, o plano de aula foi esboçado com as seguintes etapas: 1º) Apresentar um resumo da história da família de Kierkegaard; 2º) Falar das discussões entre o filósofo e os líderes da Igreja Luterana; 3º) Explicar o “desespero”, conforme o entendia Kierkegaard; 4º) Interagir com os alunos, ouvindo suas dúvidas e contribuições a respeito da aula.

Etapa 5: No segundo encontro virtual (via Google Meet), o pensamento de Søren Kierkegaard foi exposto, com o auxílio de slides, numa aula expositiva dialogada. A aula foi ministrada de maneira simples, numa linguagem acessível aos alunos, levando em consideração o fato de que a escola oferece apenas uma aula de filosofia de cinquenta minutos por semana. Além disso, nenhum deles estudou essa disciplina no ensino fundamental.

Etapa 6: Enviei para os contatos do WhatsApp de cada um, perguntas referentes à aula, a fim de que os alunos relacionassem seu conhecimento anterior com o que aprenderam com a filosofia de Kierkegaard. As perguntas foram as seguintes: **1.** A ideia de Søren Kierkegaard acerca do desespero e angústia se parecem com a sua? **2.** Você acha que essa visão de Kierkegaard pode ajudar a alunos cristãos que sofrem crises de desespero por causa de sua fé? **3.** Por que você acha que mesmos alunos cristãos enfrentam dificuldades existenciais (angústia, tristeza, solidão...)?

	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4
Pergunta 1	Sim. Ele define exatamente o que é Desespero e angústia, mas é claro, somos mundos completamente diferentes e os meus problemas não é o mesmo problema dele, as minhas angústias e Desespero é diferente da dele.	Nunca pensei como ele.	Até antes de eu conhecer o que ele diz, não! Meus conceitos de desespero e angústia eram muitos diferentes.	Minhas ideias eram totalmente diferentes.
Pergunta 2	Sim, muito. Porque só sabe o que é isso é quem realmente passou e ele passou e o tempo todo passamos por isso por Desespero, por conta da nossa fé por crise existencial e etc.	Sim, ele ajuda a pensar mais leve a respeito do desespero, o que pode ajudar aos alunos com esse problema.	Acredito que sim! A filosofia dele é muito enriquecedor, acessível, palpável e apesar de humana, não chega a ser antropocêntrica .	Com certeza, a ideia de que o desespero deve conduzir o jovem a refletir em seu caminho para concertar e não para mata-lo é pode gerar uma grande mudança. Muitos de nós quando nos deparamos com o desespero, pensamos que ele veio para nos parar e com isso, simplesmente sofremos estagnados por ele.
Pergunta 3	Porque somos seres humanos e	Porque sempre o que	Na minha visão cristã; por	Muitos fatores podem levar a

	como Jesus diz “no mundo terás aflição, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo”, ou seja, ele passou por isso também, mas ele promete que nunca nos abandonará.	queremos fazer é permitido pela igreja. Então queremos seguir outro caminho, mas nossa consciência não permite.	apesar de cristãos apresentarem graça especial, isso não anula a humanidade do cristão, logo, é completamente comum e normal que aconteçam essas coisas com um filho de Deus. A diferença deve estar em como lidar.	isso, é difícil dizer. Talvez a falta de instrução de pessoas mais velhas na fé. Muitos de nós só fazemos os deveres da igreja sem ao menos ter conhecimento por exemplo, la na frente quando chega o momento difícil, a falta desse conhecimento nos deixa afogados na tristeza, olhando para os lados, não vemos ninguém para nos ajudar, então chega a solidão.
--	--	---	---	--

4.6 AVALIAÇÃO

Ao tratar de um tema sensível como o do desespero com alunos da faixa etária dos 14 aos 15 anos, pretende-se alcançar um dos propósitos do ensino de filosofia, que é justamente problematizar a existência, a atuação humana em sociedade. Fazer isso, é parte do papel de um professor de Filosofia, como defende Mendonça (2013, p. 101):

É nesse sentido que entre os desafios de um professor de Filosofia está o de se inserir no contexto escolar não como mais um professor de uma disciplina determinada, mas, de se inserir no contexto do Projeto Político Pedagógico, nas discussões que envolvem concepções como a de homem, a de educação e a de sociedade. A contribuição do docente de Filosofia nesse debate é tácita, dado que um dos propósitos dessa área, em última instância, diz respeito ao desenvolvimento da capacidade de interpretar o mundo na busca por razões que justifiquem as ações dos indivíduos em sociedade.

Acreditamos, assim, que alcançamos o propósito pretendido por esta dissertação, a saber, problematizar um tema da existência de alunos cristãos – o desespero – em sala de aula, equiparando a visão cristã tradicional com uma visão alternativa, proposta por Kierkegaard, também ele um cristão protestante.

Ao falarem sobre esse tema, os alunos demonstram uma concordância desconfortante. Veem o desespero basicamente com o mesmo olhar, considerando-o uma anomia na experiência religiosa. Desesperar-se, para eles, tem a ver com a alta exigência das religiões cristãs para que seus adeptos testemunhem um estilo de vida sem crises, coerente com uma fé triunfalista, que não sucumbe ante a tristeza, a depressão ou o desespero existencial. Esse imperativo tácito provoca, naqueles que não alcançam esse ideal, um sentimento de culpa que, em casos extremos, deflagra tendências autodestrutivas.

Não se trata de uma análise psicanalítica. O escopo do trabalho é o de uma aula de Filosofia. Porém, esta intervenção procurou levar em conta o aluno propriamente dito, suas dores, sua religiosidade, sua existência. É fato que muito da vida dos alunos fica de fora dos planos curriculares e das preocupações dos professores, como observou com precisão Alves (2003, p. 71)

Essa ausência do aluno – não do aluno a quem o discurso administrativo das escolas se refere como o “perfil dos nossos alunos”, nem esse nem aquele, todos, aluno abstrato – não esse mas aquele aluno de rosto inconfundível e nome único: esse aluno de carne e osso que é a razão de ser das escolas. Ah! É importante nunca se esquecer disso: alunos não são unidades biopsicológicas móveis sobre as quais se devem gravar os mesmos saberes, não importando que sejam meninos nas praias do nordeste, nas montanhas de Minas, às margens do Amazonas, ou nas favelas do Rio. Os alunos são crianças de carne e osso que sofrem, riem, gostam de brincar, têm o direito de ter alegrias no presente e não vão à escola para serem transformados em unidades produtivas no futuro. E é essa ausência desse aluno de carne e osso que está progressivamente marcando os universos que giram em torno da escola.

Meu propósito foi o de efetivar na prática da sala de aula não apenas o ensino teórico de alguma doutrina filosófica, mas a própria atitude filosófica que, conforme Matos (2013, p. 29), “começa quando nos defrontamos com o problemático; ou seja, quando nos apercebemos de que há mais complexidade e inconclusão, naquilo que está dado do que o quanto sua manifestação fenomênica nos dá a conhecer”.

A pergunta desta pesquisa versa em torno da dificuldade de alunos cristãos experimentarem uma existência satisfatória tanto na sua experiência religiosa quanto na experiência secular porque, a convivência com eles permitia deduzir que havia uma insatisfação, um desequilíbrio no modo como tentavam manifestar suas opiniões ou, simplesmente, silenciavam-se durante discussões que diretamente colocavam suas

convicções em evidência. Na interação propiciada pelos meios virtuais, devido à suspensão das aulas presenciais, foi possível identificar a compreensão desses alunos a respeito do desespero, oportunizando momentos de diálogo entre eles e Søren Kierkegaard. Tentei possibilitar que expressassem seus sentimentos livremente para, em seguida, pedir que se posicionassem novamente sob o referencial que receberam nos dois momentos de aula. Infelizmente, não foi possível aplicar todas etapas previstas no projeto, pois, em acordo com a coordenação da escola, fizemos o planejamento para realizar todas essas atividades entre os meses de abril e maio de dois mil e vinte. Em março, as aulas foram suspensas (e permanecem assim) em razão da pandemia do novo coronavírus.

Senti que as respostas foram bem resumidas, dificultando um aprofundamento na interpretação dos conceitos implícitos na escrita de cada um. Entendo que a principal razão desse fato está no pouco contato que os alunos tiveram com a reflexão filosófica que problematiza os temas, ao invés de apresentar os conceitos de determinado pensador e suas implicações para a História da Filosofia. Apesar disso, fiquei satisfeito ao perceber que, unanimemente, os alunos admitiram que trazer Søren Kierkegaard para a sala de aula pode abrir mais uma via de reflexão construtiva acerca do desespero, comum tanto a alunos cristãos quanto aos demais adolescentes e jovens que, de uma forma ou de outra, tem de lidar com as duras questões existenciais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ter uma opinião pressupõe uma existência segura e confortável” (KIERKEGAARD, 2019, p. 22). Bem-aventurados aqueles que conseguem encontrar uma base sólida sobre a qual erguer o edifício da sua vida. Esses são verdadeiramente privilegiados. A maioria de nós viaja por caminhos durante muito tempo até perceber que seu fim não era o desejado. Então, voltamos e tomamos outra direção, e repetimos isso quase que indefinidamente pela longa estrada da vida. Que, ao menos, enquanto caminhamos, sejamos capazes de manter os olhos bem abertos para todas nuances da estrada e, mudar de rota, quantas vezes forem necessárias. Dito de outro modo, que jamais deixemos de ser críticos em relação às escolhas que fazemos. Tornar os alunos conscientes de tudo isso, foi o objetivo maior dessa pesquisa.

Quanto aos objetivos específicos, procuramos: Identificar a compreensão dos alunos a respeito do desespero, algo que foi alcançado de maneira bem informal, respeitando à maturidade deles e a maneira peculiar de se expressarem, sobretudo, utilizando-se da linguagem escrita; II. Oportunizar momentos de diálogos entre esses alunos e um amigo distante, também cristão e também cheio de dúvidas e dificuldades para se adequar às exigências do cristianismo tradicional, Søren Kierkegaard; III. Possibilitar momentos de fala em que os alunos primeiramente expressem seus sentimentos e conceitos livremente e, depois, relacionando-os à filosofia de Kierkegaard; IV. Desenvolver estratégias de interação com os alunos, compartilhando os resultados com os demais colegas da instituição.

O resultado alcançado nos deixa otimista quanto a estender aos demais alunos da escola o contato com o pensamento kierkegaardiano, usando-o como uma filosofia alternativa para enfrentar e superar as crises existenciais próprias da contradição entre o cristianismo tradicional e a sociedade pós-moderna, possibilitando, não apenas um entendimento conceitual e existencialmente diferente do desespero, mas também a sua superação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jorge Miranda de; PAULA, Marcio Gimenes da; REDYSON, Deyve. **Søren Kierkegaard no Brasil**: Festschrift em homenagem a Álvaro Valls. João Pessoa: Idéia Editora, 2007.

_____. **Ética, alteridade e educação existencial em Kierkegaard e Paulo Freire**. Caicó, n. 1, p. 94-123, Jan./Jun. 2018.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonse de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 6ª ed., São Paulo: Editora Moderna, 2016.

BACKHOUSE, Stephen. **Kierkegaard**: Uma vida extraordinária. Trad. Nírio de Jesus Moraes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: Uma história da igreja cristã. 2ª ed. Trad. Israel Belo de Azevedo. São Paulo: Editora Vida Nova, 1992.

CAMPANER, Sônia. **Filosofia**: Ensinar e aprender. São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

COSTA, Marcos Roberto Nunes; MATOS, Junot Cornélio (org.). **Filosofia**: Caminhos do ensinar e aprender. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

CRESPI, Franco. **A experiência religiosa na pós-modernidade**. Trad. Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

DEUSER, Hermann. **Kierkegaard e Lutero**. In: *Numen*: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 11-29, 2003.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Trad. Ephraim F. Alves. 3ª ed., Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Touro. 10ª ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JOLIVET, Regis. **As doutrinas existencialistas: De Kierkegaard a Sartre**. 3ª ed., Porto: Livraria Tavares Martins, 1961.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Discursos Edificantes em Diversos Espíritos - 1847**. Trad. Álvaro Valls e Else Hagelun. São Paulo: Editora LiberArs, 2018.

_____. **Migalhas Filosóficas**. Trad. Ernani Reichmann e Álvaro Valls. 3ª ed., Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

_____. **O desespero humano**. Trad. Álex Marins. São Paulo: Editora Martins Claret, 2004.

_____. **O conceito de angústia: Uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis**. Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

_____. **Pós-escrito às migalhas filosóficas – Vol. I**. Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

_____. **Pós-escrito às migalhas filosóficas – Vol. II**. Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização**. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995.

MARTINS, Jasson da Silva; VALLS, Álvaro L. M. **Kierkegaard no nosso tempo**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. Trad. Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006.

MATOS, Junot Cornélio. **Dialogação**: Filosofia da Educação. Curitiba, PR: CRV, 2015.

_____. Entre a Filosofia e a Pedagogia: Uma discussão sobre o Ensino de Filosofia. *In*: HADDAD, Lenira; LIMA, Walter Matias (org). **Múltiplos olhares sobre a formação docente**. Maceió: EDUFAL, 2019.

OLIVEIRA, André Luiz Holanda de. **A noção de existência autêntica em Kierkegaard**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2003.

_____. **Søren Kierkegaard**: por uma filosofia da existência. *In*: *Ágora Filosófica*, Ano 15, n. 1, jan./jun., p. 169-194, 2015.

RESMINI, Enio. **Tentativa de suicídio**: Um prisma para compreensão da adolescência. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter Ltda., 2004.

ROCHA, Ronai Pires da. **Ensino de Filosofia e Currículo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

ROUANET, Sergio Paulo. **As razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

APÊNDICES